

FÁTIMA-50



Ano I N.º 11 13/Março/1968



JESUS NOS BRACOS DE SUA MÃE

A PAIXÃO DE CRISTO E A MENSAGEM DE FÁTIMA



«Cumpro, em mim, o que falta à Paixão de Cristo, para a edificação do Seu Corpo que é a Igreja», diz São Paulo. A Paixão de Cristo, pela qual fomos resgatados, é um facto histórico e passado. Mas a sua realização efectiva na regeneração dos homens, é de todos os dias, em cada um dos homens, de todos os tempos e lugares, chamados à fé. O que o Apóstolo fazia não era completar qualquer coisa que Jesus Cristo tivesse deixado a meio, mas simplesmente realizar essa «Paixão» em si e contribuir, pelo seu apostolado, para a realização da mesma na Igreja, em todos os fiéis.

A Mensagem de Fátima é um convite mais a «cumprir o que falta à Paixão de Cristo para edificação do Seu Corpo Místico». Nossa Senhora não veio pedir nada estranho a esta vontade salvífica de Deus realizada no Calvário e continuada no Mundo inteiro e nos nossos dias, nos homens do nosso tempo. Nossa Senhora veio pedir que «não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido» e ainda que «rezem e façam

DEPÓSITO LEGAL
- 0. MAR. 1968

penitência para conseguir a conversão dos pecadores e a paz do Mundo». A conversão dos pecadores significa uma realização da Paixão de Cristo, uma aplicação dos frutos da Sua Morte e Ressurreição na alma que se regenera pelo sacramento do perdão. A paz que se consegue pela oração e pela penitência é, em última análise, a paz da alma com Deus, portanto uma regeneração.

Por isso Fátima é, sobretudo por ocasião das grandes peregrinações, um grande confessor onde as almas vão reconciliar-se com Deus no Sangue de Cristo; uma grande mesa onde as almas se saciam com o Corpo de Cristo, unindo-se com Ele. Fátima é um sinal de reconciliação das almas com Deus. E o sinal é o sinal mais autêntico que se pode exigir: o próprio sinal dos Sacramentos instituídos por Cristo para aplicação da Sua Paixão às almas.

Fátima não é uma sombra da Paixão na figura de Nossa Senhora das Dores que dessa forma Se mostrou aos três pastorinhos na aparição de Outubro. Fátima é uma imagem da Paixão na sua essência penitencial e na interpretação autêntica da sua «mensagem». As figuras ajudam o homem a considerar o mistério, mas não podem nem devem substituir o mistério. No rosto triste que a Virgem mostra aos videntes ou nas Suas vestes roxas de Dolorosa o que nós devemos ver é o estado das almas em pecado, causa da sua condenação, como a Virgem mostrou aos pequenos pastores, na visão do inferno e a possibilidade de, pela penitência, passarem desse estado ao estado de graça e entrarem no caminho da salvação.

A Paixão mostra-se-nos, em Fátima, como é: sinal de salvação, de reconciliação das almas com Deus. E a Virgem Maria, Corredentora, presente no Calvário ao pé da Cruz de Seu Filho, está presente em Fátima, junto da cruz dos Seus filhos para os ajudar, para os aliviar do peso dessa cruz, conduzindo-os, maternalmente, a Cristo. Fátima dá-nos Cristo; leva-nos a Cristo. Neste aspecto está o paralelo que se pode estabelecer entre a Paixão de Jesus e a «mensagem» de Sua Mãe nesta terra de perdão e misericórdia.

O. F.

FÁTIMA-50

INTERNACIONAL

Ano I - Nº 11 13 / Março / 1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:
Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:
Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Dir. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:
SANTUÁRIO DE FÁTIMA • Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO :

ACTUALIDADES

Peregrinações 17
Fátima no Mundo..... 34

DOCUMENTOS

Para uma definição da Paz segundo a Mensagem de Fátima 5

COLABORAÇÕES

A propósito das promessas de Nossa Senhora em Fátima 7
Filatelia 13
As aparições marianas no ambiente ecuménico 21
O Rosário pela Bíblia 24

TESTEMUNHOS

A Paixão de Cristo e a Mensagem de Fátima 2
Fátima e o «Auxílio à Igreja Perseguida» 9
Fátima e a Hungria 15

ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores, (Capa: mosaico da Via-Sacra na Colunata da Basilica) de Mário de Figueiredo; fotos a preto e branco, de «MARINHO»

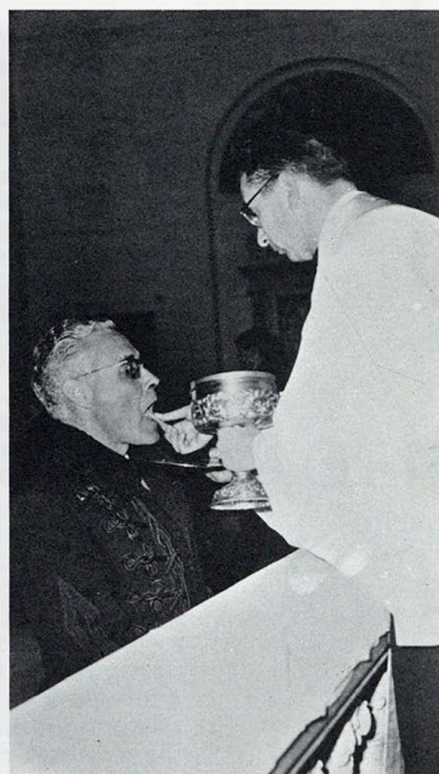
RESUMOS

Resúmenes — Résumés — Summary 30, 31, 32

Accepta-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S.A.R.L., Lisboa/Cacém.



No número 9 da nossa revista publicámos a notícia da peregrinação da P. V. T. a Fátima, em Dezembro de 1967. Neste número oferecemos algumas imagens da referida romagem de piedade mariana dos senhores agentes da Policia de Viação e Trânsito e suas famílias.

PARA UMA DEFINIÇÃO DE PAZ SEGUNDO A MENSAGEM DE FÁTIMA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

Não é exagero repetir que a «Mensagem» de Fátima é uma mensagem de Paz. Se é uma mensagem de paz deve conter em si os elementos capazes de defini-la para a sua exacta compreensão.

Todavia, devemos aceitar uns princípios de base para identificar o definido com a definição e verificar a concordância dos termos. Não podemos definir a paz sem sabermos o que é a paz. Uma definição é sempre uma conclusão de um raciocínio, um resumo de mais vasto conhecimento. E, antes de definirmos qualquer coisa como tal, torna-se necessário verificar se os seus elementos constitutivos correspondem à ideia do que se quer definir.

Buscamos, pois, na «Mensagem» de Fátima, os termos que nos autorizem a considerá-la como «mensagem de paz» e, conseqüentemente, a definir a Paz a partir desses elementos. Os princípios que aceitamos, para elaborar a nossa definição, não podem ser outros que os princípios exarados no Evangelho, uma vez que afirmamos ser a «Mensagem» de Fátima um resumo do Evangelho, e explicados, depois, pelo Magistério da Igreja e pela Autoridade da mesma Igreja que os vai aplicando às necessidades e características dos tempos, sem abdicar nunca da autenticidade da sua doutrina.

Julgamos desnecessário ir mais longe, até porque pretendemos uma definição de Paz para os nossos dias, para as circunstâncias do Mundo actual, para as contingências da Humanidade presente. Ir mais longe significaria um estudo, pelo menos sumário, da doutrina evangélica, numa exegese que não se coaduna com o tipo da nossa publicação, a pesquisa e interpretação dos textos dos Santos Padres, compulsar as teorias dos teólogos, sobretudo daqueles que interpretaram a política à luz da Teologia, o estudo de todos os documentos pontifícios relacionados com o tema, e são muitos. Bastar-nos-á, creio, resumir o pensamento dos Papas mais recentes, dos que viveram ou vivem ainda, intensamente, os problemas do nosso tempo, os que, porventura, se referiram directa ou indirectamente à «Mensagem» de Fátima.

Directa ou indirectamente. Os textos directos não nos dizem, talvez, tanto, para o fim que temos em vista, como os indirectos, ou seja aqueles que apontam os mesmos elementos constitutivos da Paz, apontados ou verificados na «Mensagem». E dizemos já quais são: penitência e oração. Certo é que nem sempre estes elementos nos são referidos com termos idênticos, mas são-nos referidos, sem dúvida, com termos equivalentes como vamos ver.

Posta a questão desta forma, começamos pela interpretação de alguns textos extraídos de

documentos do grande Pontífice da Paz que foi Pio XII e cujo lema é o bem conhecido: «Opus justitiae pax», ou seja, a paz é fruto da justiça. Só nesse lema já se nota uma relação íntima com a «Mensagem» de Fátima, no seu aspecto penitencial cuja significação autêntica é de justiça. Mas importam-nos mais os textos documentais.

Na sua Rádio-mensagem de Natal, de 24 de Dezembro de 1953, Pio XII define a paz com estas palavras cujo sentido é claro e completo, de modo que nem sequer necessitam de comentário: «A Paz é, antes de mais, uma atitude de espírito e, em segundo lugar somente, um equilíbrio harmonioso de forças exteriores... Contra a ilusão daqueles que dizem consistir a paz numa abundância de bens, é preciso afirmar que uma paz segura e estável é sobretudo um problema de unidade espiritual e de disposições morais... A presente situação não melhorará enquanto todos os povos não reconhecerem os fins comuns, espirituais e morais da humanidade e se ajudarem mutuamente a realizá-los e, por conseguinte, a entender-se, entre si, na oposição às divergências dissolventes que entre eles existem por causa do nível de vida e da produtividade do trabalho.»

Parecia, à primeira vista, que esta definição da paz, dada há quinze anos, não corresponderia à definição várias vezes repetida, recentemente, por Paulo VI e nas quais afirma que, se a paz é um dom de Deus, coisa interior ou que começa no coração do homem, também é fruto do progresso, que sem progresso humano em todas as sentidas, não há paz. Ora, Pio XII, há quinze anos e há mais tempo, como podemos ver noutras passagens, afirmou a mesma verdade e a mesma verdade é a que nós verificamos na «Mensagem» de Fátima. «Enquanto houver divergências por causa das diferenças de nível de vida dos povos (e que diferenças tão grandes, podemos dizer nós!) não pode haver paz, embora esta seja, sobretudo uma atitude de espírito...»

Mas vejamos o que nos disse ainda antes desta Rádio-mensagem, numa outra do dia 1 de Setembro de 1944:

«A alma de uma paz digna deste nome, o seu espírito vivificante não pode ser outro que uma justiça que, imparcialmente, dê a todos o que a cada um é devido e exija de todos aquilo a que cada qual está obrigado, numa justiça que não dá tudo a todos mas que, a todos, dá o amor e não faz mal a ninguém; uma justiça filha da verdade, mãe de uma santa liberdade e de um progresso garantido.»

Definição mais explícita do que é a paz segundo a mais recente definição da mesma dada por Paulo VI «Progresso é o novo nome da Paz...»

«A Paz é sinal de progresso...», e conforme a própria «Mensagem» de Fátima que na «Penitência» o que nos pede é justiça e consequentemente progresso espiritual e material para todos por igual, não é fácil encontrar.

Noutro discurso seu, na Alocução ao pessoal do Ministério Italiano da Defesa Nacional, em 18 de Maio de 1952, Pio XII fala desta maneira:

«Enquanto um homem ou um certo número de homens, fazendo mau uso do seu livre arbítrio, considere ou trate a Deus como um estranho no domínio da vida privada ou pública, nós só encontraremos a desordem, precisamente as condições necessárias para a destruição da paz...»

E mais esta: «A Paz não pode estabelecer-se obrigando o fraco a sujeitar-se ao forte. Só a realização da verdadeira liberdade pode produzir uma verdadeira paz... É preciso fundir todos os sentimentos de rancor e de ódio, os egoísmos ímpios e as desconfianças recíprocas, num espírito de cooperação fraternal... A força não confere jamais um direito; a sinceridade, a cortesia, a justiça e uma distribuição equitativa das riquezas são indispensáveis para a Paz do Mundo...» — Alocução aos representantes da Grã Bretanha junto da Santa Sé, 23 de Junho de 1951.

Até aqui e, sobretudo, nesta última definição, Pio XII parece não ter tocado senão num dos polos da «Mensagem» de Fátima, ou seja no da «Penitência», interpretada como justiça, como rectidão de processos, como liberdade, como progresso e consequente distribuição dos bens deste Mundo por todos os homens, numa repartição equitativa. O polo da «Oração» como que ficou na sombra. Não será ele tão necessário para a Paz como o primeiro? Sem dúvida, máxime se pensamos naquelas palavras tão dramáticas pronunciadas em Fátima por Paulo VI: «A Paz é um dom de Deus... Torna-se necessário pedir-lho e viemos aqui pedi-lo a Deus e, agora, depois de nos termos dirigido a Deus, é aos homens a quem apelamos...»

Não podia esquecer esse termo da definição o grande Pontífice da Paz que foi Pio XII e, tal como Nossa Senhora que pedia aos pastorinhos e, por meio deles a todos os que quisessem escutá-La, para rezarem muito e rezarem o Terço para conseguirem o fim da guerra e a Paz do Mundo, idêntico apelo fez o Pontífice, muitas vezes, mas particularmente num discurso que nos veio às mãos com mais facilidade e foi a Alocução aos jovens da Acção Católica Italiana, por ocasião do 80º Aniversário da fundação deste organismo na Itália, 12 de Setembro de 1948:

«Só uma milícia de almas em prece pode, na dura luta actual entre a verdade e o erro, entre

o bem e o mal, entre a afirmação e a negação de Deus, conseguir a vitória; só uma milícia de almas em oração pode conseguir a Paz social...»

Se quiséssemos seguir o pensamento de Pio XII neste sentido, teríamos argumento para muitas páginas. Mas, porventura, a reiteração pode cansar. Os apontamentos que deixamos escritos para consideração dos nossos leitores, parecem-nos suficientes. Neles encontrámos o que buscávamos e era uma voz autorizada para nos dar os elementos ou princípios sobre os quais basear uma definição da Paz segundo a «Mensagem» de Nossa Senhora de Fátima e não só encontrámos esses elementos, válidos para uma definição clara e definitiva, perdoem a redundância, como também como que um eco, um apelo para passar da definição à prática da paz, pois a paz é um programa de acção sem o que, não passaria de um «pacifismo» condenável por infrutuoso. E temos de voltar a debruçar-nos sobre essa mina inexaurível que são os documentos de Pio XII, se continuarmos, como esperamos, a interpretar a Paz segundo a «Mensagem» de Fátima.

Oferecer, de uma só vez, aos leitores, os textos dos Papas a que nos referimos ao princípio, seria cansativo. Preferimos oferecer-lhes, em doses, ideias que devem servir-lhes para reflexão.

E, resumindo, uma tentativa de definição de Paz segundo a «Mensagem» de Fátima, pelas ideias que acabamos de expor:

A Paz é uma atitude de espírito que se reflecte, no exterior, através da justiça nas relações sociais e no progressivo bem estar de todos os povos, sem predominio de uns sobre os outros, como consequência do cumprimento dos próprios deveres (penitência) e, no interior, por um auxílio especial de Deus que se obtém pela oração.

Monumento a Pio XII na Praça da Cruz Alta, Cova da Iria.



A PROPÓSITO DAS PROMESSAS DE NOSSA SENHORA EM FÁTIMA

CÓN. BARTHAS

RESPOSTA A UMA OBJECÇÃO

EXIGE-SE A PROVA DE UMA CAUSALIDADE SOBRENATURAL

No Congresso Mariano Internacional de Fátima, em Agosto de 1967, tive a honra de ler, na Secção de Língua Francesa, uma comunicação sobre este assunto: **Depois de meio século, terá Nossa Senhora começado a cumprir as Suas promessas?** Nessa comunicação recordava as três promessas claramente formuladas na mensagem mariana da azinheira: «muitas almas se salvarão»; «tereis paz»; «a Rússia ser-me-á consagrada e converter-se-á».

Para cada um destes pontos, citei factos historicamente exactos a respeito das inumeráveis conversões que se podem atribuir ao favor da Virgem, em diversos países, bem assim como claros indícios de sensível melhoria nas relações internacionais depois da consagração do Mundo e da Rússia ao Imaculado Coração (1942), particularmente após a consagração específica de todos os Povos da Rússia em 1952. Os acontecimentos referidos demonstravam que os males anunciados como consequência dos «erros da Rússia», no grande aviso mariano da terceira aparição, em grande parte já pertenciam ao passado. Estes «erros» continuam a existir num país pervertido pela Rússia, a China, mas as actividades nacionais e internacionais dos soviéticos transformam-se progressivamente.

A exposição mereceu os aplausos de trezentos ouvintes franceses presentes aos quais se juntaram alguns portugueses, e nenhuma contradição. Sem embargo, depois da reunião, um professor de Teologia aproximou-se do conferencista e disse-lhe: «Reconheço a exactidão dos factos apresentados, mas não provastes a relação de causa e efeito com as promessas da Virgem. Tudo isso não será, antes, o resultado do processo natural da história?»

A exposição não deixou de acentuar que se tratava de promessas condicionais, já que por três vezes, Nossa Senhora disse: «Se fizerdes o que eu peço». Obrigados a reconhecer que não obedecemos perfeitamente aos Seus desejos, devemos, ao menos,

evitar a ingratidão perante as provas que Ela nos dá da Sua misericórdia e aplicarmo-nos a realizar cada vez melhor as condições que nos propôs para conseguir o triunfo do Seu Imaculado Coração cuja predição é, certamente, a última palavra do Seu aviso secreto.

O PROBLEMA DA CAUSALIDADE

Tem valor a objecção do nosso ouvinte? Parece que não, pois em toda a parte onde actua o poder divino, mesmo nas maravilhas da natureza, nos mais impressionantes acontecimentos da história como nos mais extraordinários milagres, ninguém pode constatar a intervenção do «dedo de Deus». Ninguém o pode perceber senão pelo raciocínio. A acção divina dirige o Mundo e a história também mas sem se denunciar aos nossos sentidos. Sendo exterior e estranho a este Mundo, não pode ser captado por nenhum observatório e jamais se encontrará qualquer aparelho científico para verificar, por trás dos fenómenos sensíveis, se eles são de ordem natural ou sobrenatural. O mesmo se dá com a intercessão da Santíssima Virgem. Para que nós conheçamos a Sua intervenção nas coisas deste Mundo, será necessário que Ela faça com cada um de nós o milagre que fez mostrando-Se aos três pastorinhos de Aljustrel.

Ora, uma vez que se trata de uma promessa e, em particular, de uma promessa de Nossa Senhora, não será suficiente que a coisa prometida tenha acontecido para atribuir a sua causa Àquela que fez a promessa? Se isto não é materialmente constatável, como poderá o beneficiário negar a relação causal entre o benefício recebido e a vontade da celeste Aparição?

No mistério de Fátima há ainda uma outra promessa de Maria da qual nós não falámos. Foi feita na terceira aparição para que os pequenos videntes não fossem mais considerados como mentirosos nem ameaçados de morte. A Senhora prometeu-lhes fazer, no dia 13 de Outubro, um grande milagre para fazer com que toda a gente acreditasse e tivesse confiança. A promessa foi renovada no dia 19 de Agosto e a 13 de Setembro.

Uma vez que inumerável multidão ocorreu, no dia marcado, para assistir ao prodígio e tendo-se ele produzido, ainda mais grandioso do que seria de esperar, nenhuma testemunha hesita em buscar-lhe a causa no poder do Céu que o tinha predito às crianças.

Tão difícil é negar a ligação do facto à promessa, que houve um autor católico português o qual, afirmando que, em rigor, os diversos aspectos maravilhosos da «dança do Sol» poderiam explicar-se, separadamente, por fenómenos meteorológicos naturais, foi obrigado a ver, no seu conjunto, um verdadeiro «sinal de Deus», tal como o povo, pelo simples facto de ter sido predito, por uma menina, três meses antes. (Cf. Dr. Diogo Pacheco de Amorim, «O fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917»). Este bizarro e duvidoso raciocínio manifesta, pelo menos, que a relação de causalidade não pode ser negada no caso de uma promessa incondicional como o foi a do grande milagre.

Num milagre físico como, por exemplo, uma cura súbita pela só invocação de Deus ou de um santo, a relação de causalidade divina prova-se pela comparação entre o antecedente, a doença incurável, e a consequência, a saúde perfeita. Aqui, ainda, o incrédulo pode arguir com as famosas «forças desconhecidas» da natureza que teriam intervido. Mas para a realização da promessa da Virgem é-lhe impossível recorrer a esta escapatória. Nenhuma força oculta pode intervir entre a promessa e a sua realização.

Mas o caso das três promessas feitas à Cristandade pela Senhora da Azinheira, é muito diferente do prodígio solar, porque elas foram formuladas com uma condição, a da obediência à Sua mensagem. Para duvidar da relação de causalidade e afirmar que os factos citados são acontecimentos naturais da história humana, poder-se-á, aqui, argumentar com a pouca obediência dos cristãos aos pedidos contidos na mensagem mariana: se nós ainda não cumprimos as condições, porque haveria Nossa Senhora de cumprir as Suas promessas?

Mas a Mãe de Deus é também nossa Mãe, a Mãe da Igreja e o objectivo do Congresso Mariano, definido pela Pontifícia Academia Mariana era, precisamente, pôr em relevo a verdade de que, nas Suas aparições, a Virgem se mostra verdadeiramente como Mãe da Igreja. Como não há-de uma Mãe mostrar-se misericordiosa? Quando a mãe promete uma recompensa ao filho com a condição de que ele obtenha boas notas, se a recompensa foi determinada, poderá alguém duvidar da intervenção da vontade da mãe, ainda que as notas não sejam tão boas como ela desejava? A mãe teve em conta o esforço feito, por pouco que ele se tenha manifestado, sobretudo se a coisa prometida ao filho é útil para o seu trabalho.

Não é este o caso das promessas de Nossa Senhora de Fátima, promessas cuja realização será um bem para as almas, para a Igreja e para o Mundo? A nossa Mãe do Céu, para começar a concedê-las à Terra, teve em conta o pouco que a massa dos cristãos fez para Lhe obedecer, pois é inegável que, na Igreja, muitas almas e instituições e até o próprio Santo Padre se têm esforçado por satisfazê-La. Durante cinquenta anos, a obediência aos Seus pedidos não conseguiu um grau tal de que nos possamos orgulhar e a difusão da Sua mensagem tem encontrado, em certos meios, obstáculos muitas vezes inexplicáveis. Mas, precisamente, a exposição discutida afirmava que, apesar das negligências dos Seus filhos, a Mãe de misericórdia tinha começado (esta palavra foi particularmente sublinhada) a cumprir as Suas promessas, ao menos na medida do pouco que foi feito para as merecer.

Assim, por exemplo, poder-se-á negar que o povo português tenha respondido mais depressa e generosamente do que nenhum outro à mensagem que Lhe transmitiram os pastores de Aljustrel? Porquê, portanto, não atribuir a uma graça da Santíssima Virgem a mudança rápida e radical do espírito público no país mais anti-religioso da Europa? Os Bispos de Portugal, em numerosas pastorais colectivas, não hesitaram em classificar de milagrosa esta mudança.

Com efeito, a Carta Pastoral da Quaresma de 1937 e a de 11 de Fevereiro de 1942, falam da «conversão» de Portugal como de um «autêntico milagre de amor», de um «grande prodígio», de um «milagre que admira o Mundo». L'Osservatore Romano, em Maio de 1942 publicou dois artigos em que emprega idênticas expressões.

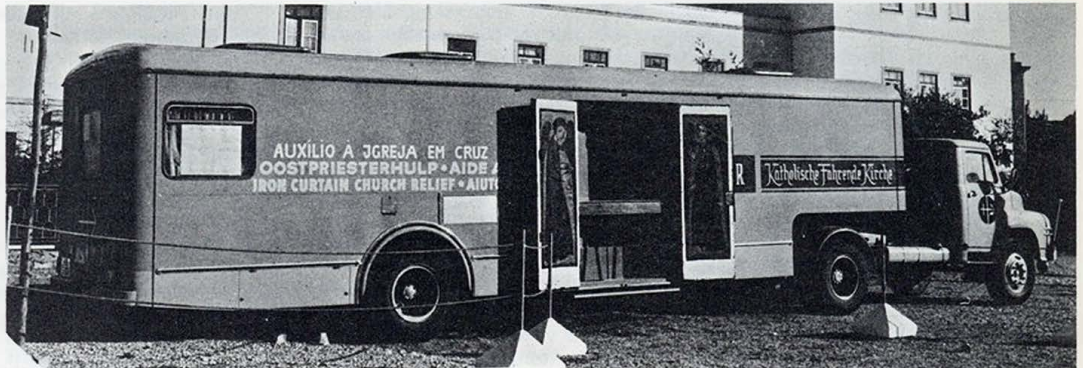
Pio XII não pensava de maneira diferente na sua mensagem radiofónica ao povo português por ocasião do 25.º Aniversário das Aparições: as palavras «maravilha», «prodígio», «milagre», repetem-se muitas vezes. «Uma atmosfera de milagre, diz o Papa, envolve Portugal, multiplicando os prodígios físicos e, mais numerosos ainda, os prodígios da graça e da conversão». Quando da Coroação da Virgem da Capelinha, 13 de Maio de 1946, ele pronunciou sete vezes a palavra milagre, declarando que «Fátima é uma fonte de... numerosos milagres morais que, em torrentes, descem da Cova da Iria e de lá se derramam sobre Portugal inteiro e, ultrapassando as suas fronteiras, desbordam sobre toda a Igreja e sobre o Mundo inteiro».

Os outros factos de conversão citados na exposição — e aos quais se reconhece autenticidade — referem-se quer à peregrinação mundial da Virgem de Fátima da qual Pio XII falou como de uma maravilha inédita, em 1951, quer aos actos religiosos relativos à Sua mensagem, realizados neste ou naquele país. Nos Estados Unidos, por exemplo, dizem as estatísticas que se registam cem mil baptizados de adultos por ano, atribuídos à larga difusão da mensagem mariana, seja pela obra do «Rosário em Família» do Padre Peyton, seja pelas conferências pronunciadas pela T. V. por Mons. Fulton Sheen, baseadas, principalmente, na Mensagem de Fátima, como ele próprio declarou no Congresso Mundial da Paz, Lisboa 1951.

Quanto aos factos de pacificação, relatados na exposição, por exemplo a abertura da fronteira franco-espanhola fechada durante onze anos (1947), a paz indo-paquistanesa assinada no instante em que a Virgem chegou à fronteira dos dois países em 1950, o armistício da Coreia, assinado no dia do triunfo da Virgem na catedral de Seul (1953), e outros, estão todos ligados historicamente às invocações especiais à Rainha da Paz ou às consagrações ao Imaculado Coração.

O que parece mais estranho é atribuir a «conversão» da Rússia a uma graça especial de Nossa Senhora de Fátima. Mas não será preciso ser cego para não ver que os males preditos pela Virgem (no Seu grande aviso de 13 de Julho de 1917) como consequência dos «erros» deste país, foram enormemente atenuados depois da consagração do Mundo e da Rússia ao Imaculado Coração (1942)? E como esquecer que a política interior e exterior dos Soviéticos sofreu uma profunda transformação a partir do especial acto de consagração de todos os Povos da Rússia, em 7 de Julho de 1952? (Nós nunca nos cansamos de frisar que a Virgem, sobre a azinheira, falou português e que, neste idioma, o verbo «converter-se» não possui o sentido absoluto de conversão religiosa, como em francês, pois até a meteorologia emprega o mesmo termo para designar as mudanças atmosféricas.)

Mas, cautela! Se o perigo russo é menor, os erros semeados pela Rússia na China continuam a ameaçar a Igreja e a Civilização. Não cessemos, portanto, de rezar para que a China, por sua vez, «se converta» como a Rússia começou a converter-se. E não duvidemos de que os acontecimentos do Mundo actual estão em relação estreita com a grande advertência mariana da terceira aparição, particularmente com as promessas, cheias de esperança, que ela contém. Recusar-se a agradecer a Nossa Senhora, será ingratidão e, mais ainda, fechar os olhos à evidência.



FÁTIMA E O «AUXÍLIO À IGREJA PERSEGUIDA»

Costa Candal

Muitos dos nossos leitores já ouviram falar do «Auxílio à Igreja perseguida» (L'Aide à L'Église en Détresse) e muitos milhares de peregrinos puderam ver a exposição itinerante que esteve patente em Fátima, durante a grande peregrinação de Maio passado (1967).

Poucos saberão, entretanto, como eu não sabia também, a grandeza, a extensão, a eficiência e as ambições desta Obra que o Sr. Bispo de Leiria classificou de admirável.

Há tempos, porém, veio parar às minhas mãos um livrinho de pequeno tomo, mas de precioso recheio, com um título estranho «On m'Apelle le Père au Lard» o que, vertido em vernáculo, quer dizer: Chamam-me o Padre do toucinho. É seu autor um dos mais dinâmicos apóstolos e realizadores do nosso tempo. Um religioso que já escreveu história, redimindo a nossa época do seu egoísmo, apatia e indiferença, perante a miséria e dor do Mundo. O seu nome é Padre Werenfried van Straaten.

No livro, tudo era desencorajante: o aspecto mesquinho, a apresentação gráfica vulgar, a pequenez do tipo, a qualidade do papel ...

Tudo menos a gravura da capa: um frade bonacheirão e sorridente, tendo nos braços um leitão. A capa e o título desafiavam a minha curiosidade. Comecei por folhear indolentemente as suas páginas e as gravuras mais espicaçaram a minha atenção. Que novidades me iria reservar este livro tão pouco atraente e estranho, sobre o mundo estranho em que vivemos?

Voltei à primeira página e o título rezava assim: «Arranque sem aviso prévio»

Arranquei sem grande entusiasmo. Esse foi o mal, pois só parei na palavra «Fim».

Quanto me não fez pensar este livrinho, quanto me ensinou, quantas vezes me cortou a respiração e fez sofrer!

Como é possível que o Ocidente ignore e fique indiferente perante realizações tão colossais, explosão daquela caridade que o Apóstolo das Gentes cantou e que eternamente, mau grado todas as traições, viverá na Igreja, sinal inegável da sua autenticidade.

«Frente a Frente com a dor»

Todos ouvimos falar, no fim da última grande guerra — será mesmo a última? — da tragédia dos 12 milhões de sudetas e outras populações violentamente desenraizadas, condenados fria e criminosamente pelo diktat de Potsdam a deixar as suas casas, os seus bens, as suas aldeias — logo arrasadas — e lançados errantes no seio de uma Alemanha vencida, faminta, em ruínas, que os não podia alimentar nem absorver, vivendo ao Deus dará, morrendo de fome e de frio pelas estradas, acabando os que resistiram, amontoados entre as ruínas, dentro das casamatas abandonadas — os sinistros bunkers, monstros de cimento —, vítimas inocentes jogadas no tabuleiro das combinações político-territoriais pelos chamados grandes vencedores.

Do encontro do nosso Padre van Straaten com estes infelizes destroços humanos ... com o que restava deles, nasceu a Obra.

Correu à Bélgica para alertar a caridade dos seus compatriotas, mesmo daqueles que mais tinham sofrido com a ocupação nazi e com a sua ferocidade, suplicando, em nome de Cristo, que corresse em socorro do inimigo vencido, pois — como dizia — «a caridade não é um entretencido de belas palavras ... O amor exige obras, sacrifício».

Em conferências, na imprensa, sem medo às palavras, antes com um realismo arrepiante, contou o que os seus olhos tinham visto nesses antros, «Moloch em cujo ventre eram sacrificados os filhos da nossa época». «Entraí, diz, neste monstro negro, nas suas entranhas escuras, nos meandros deste monstruoso aparelho digestivo, atulhado de restos humanos. Passai de andar em andar, de compartimento em compartimento ... por toda a parte as suas glândulas derramam o veneno pestilencial desta Besta devoradora. O processo de decomposição caminha, sentireis por todos os lados o cheiro de putrefacção. Os vossos olhos serão testemunhas do desespero destes seres sem defesa, devorados, sugados, comprimidos num imenso painel humano.»

«Que sombria página da Igreja! Contemplai estes cristãos rejeitados, nus, esqueléticos, encurralados

no ventre ardente da Fera. Em cada antro, sem ar, sem luz, 4 famílias, 16 pessoas ... nem uma mesa ou cadeira. Jovens casais com 5 e 6 crianças. Olhos impudicos vos fitam ... gestos obscenos. Tudo foi destruído neste amontoado humano. Um fedor misto de suor e ar apodrecido ... Não há uma só janela. De doze em doze horas, os ventiladores aspiram o ar exterior durante um quarto de hora. O monstro respirou. Os tuberculosos escarram por toda a parte. As crianças arrastam-se debaixo das camas, pois não há espaço entre eles ... Cloaca humana, onde durante meses dormem juntos, velhos, homens, mulheres, jovens e crianças ..., dando livre curso a todos os instintos ... Inferno de corpos e de almas. A confusão, o egoísmo e a violência brutal imperam nesta selva!» «Neste ambiente, declara o Padre, não há lugar para Cristo.»

A primeira coisa que pediu às suas compatriotas para esses esqueletos que teimavam em viver, foi uma fatia de toucinho da provisão familiar semanal, que não fosse muito fina. Daqui lhe veio a estranha alcunha. Reuniu toucinho às toneladas, montes de agasalhos, guloseimas para as crianças. O seu velho e famoso chapéu recolheu milhões.

Tinha surgido o maior pedinte do Mundo.

A caridade cristã acordara, pois não tinha morrido. Os camiões partiam ajouçados sob o peso dos doativos e voltavam para carregar de novo, mal deixando arrefecer os motores. Da Bélgica o Padre passou à Holanda, onde encontrou a mesma generosidade ...

Havia ainda o problema dos sacerdotes que tinham acompanhado as suas ovelhas. De 6000 restavam menos de metade, mais pobres ainda do que as suas ovelhas, muitos deles doentes e esgotados. Corriam constantemente de aglomerado em aglomerado, tendo alguns a seu cargo 70 ou até 80, dispersos por muitas dezenas de quilómetros, só dispondo um reduzido número deles de uma velha bicicleta. Estas populações católicas tinham sido diabólicamente distribuídas pelas regiões protestantes.

À falta de igrejas, o culto era celebrado em velhos palheiros, caves húmidas, águas-furtadas, cafés e dancings, durante as horas em que estavam encerrados, mesmo no quarto do padre, quando o tinha, servindo umas velhas tábuas de altar, um velho armário de tabernáculo. Deslocavam-se de Inverno e de Verão, sempre esgotados, famintos, sem ter sequer a consolação de bastar, de conseguir resultados, pois não tinham, em tanta miséria das suas ovelhas, nada para lhes oferecer, além de palavras de consolação e esperança.

A estes heróicos sacerdotes itinerantes de «saco às costas», como eram chamados, o «Auxílio» forneceu automóveis, motocicletas, capelas rolantes, vasos sagrados e paramentos. Colocou-lhes nas mãos, para os seus fiéis, tecidos, medicamentos, géneros alimentícios, guloseimas e brinquedos para estas crianças da dispersão. Tudo em quantidades numéricamente incríveis, mas insuficientes para as necessidades.

Neste mundo que só acredita na acção e na eficiência, este dinâmico padre ergueu os «Baluartes de Deus», focos de oração contemplativa para sustentar, fecundar e sobrenaturalizar esta acção.

Entretanto, o «milagre alemão» solucionou, em grande parte, esta situação. Novos trabalhos e actividades ajudaram a reabsorver esta população que foi encontrando trabalho e abrigo.

Assim o Padre Werenfried pôde planear, em 1952 o «grande salto».

De um congresso, abençoado pelo Papa, onde 150 delegados, representando 18 países, pintaram, sem poupar as cores nem as sensibilidades, as condições dessa martirizada Igreja do Silêncio, além da cortina de ferro, sem esquecer outras partes do Mundo, saiu a proclamação da nova cruzada. Sob a presidência de um Cardeal, na presença de numerosos bispos, dignitários orientais e sacerdotes, os delegados checos, romenos, croatas, húngaros, ucranianos, bálticos, etc., leram relatórios arripantes sobre as condições dessas cristandades. O desfile de horrores foi encerrado pelo depoimento de um bispo chinês.

«Dias de espanto! Envergonhados, ouvimos a narração dos indizíveis sofrimentos e perseguições sofridas por Cristo na pessoa de 60 milhões dos Seus filhos ... e isto a poucos quilómetros das nossas fronteiras.»

Aproveitando hábilmente as revoltas de Berlim, da Polónia e da Hungria, a morte de Stalin e a revolta de Tito, procedeu-se a «operações relâmpago de prospecção do estado das igrejas, fizeram-se planos de reconstrução e reparação, enviaram-se obras de teologia, missais, breviários, forneceram-se transportes motorizados aos bispos e sacerdotes, fez-se um inventário das necessidades mais prementes e socorram-se 70 000 famílias com encomendas periódicas. Em resumo:

foram enviados 21 automóveis, um camião, 89 motorizadas, muitas bicicletas, 38 toneladas de papel, 11 500 medicamentos sob pedido, 20 000 encomendas de roupa, 100 toneladas de géneros, 500 de carvão, 15 000 encomendas de docárias, centenas de breviários, missais, livros litúrgicos e de teologia, máquinas de escrever, de fazer hóstias, de impressão, policopiadores, harmónios, vasos sagrados, paramentos e cortes para vestes sacerdotais, peças sobressalentes, etc., etc. ... O orçamento previsto pelo «Auxílio» para o ano de 1965 — por exemplo — foi de 1 760 000 00 de dólares !!!

Mas, diz o nosso Padre, muito mais importante do que todo este auxílio material, que acima e incompletamente resumimos, deve ser: «o auxílio espiritual que devemos aos nossos irmãos da Igreja perseguida.» A inspiração deste auxílio vem de FÁTIMA.

FÁTIMA E O AUXÍLIO — FÁTIMA E A RÚSSIA

Deixemos agora a palavra ao Padre van Straaten: «... Segundo as instruções que nos foram dadas pela Santa Mãe de Deus em Fátima, esse auxílio consiste em orações, sacrifícios e reforma espiritual. Fátima está ligada à Rússia. Se ficarmos surdos à mensagem de Fátima, a Rússia estenderá os seus sofismas e o seu terror por todo o Mundo. Se, pelo contrário, dermos ouvidos à mensagem da Virgem Santíssima, a Rússia converter-se-á. Sómente depois da sua conversão virá a paz.

Ignoramos o nome dos povos que serão, na hora H, reduzidos a pó. Desarmados, entregamo-nos sem defesa à cólera ou à misericórdia

divina. A angústia pesa nas reuniões diplomáticas e rói os indivíduos. Os antagonistas vigiam os seus écrans de radar; inquieta, a sua mão estende-se para o botão fatal. Apenas um gesto e este Mundo trémulo de medo pode desintegrar-se.

Ignoramos o dia e a hora, mas sabemos que Maria quis lembrar as advertências do Senhor nos Santos Evangelhos. Não será tempo de atender a estes avisos por uma vida mais pura e de penitência? Não será a altura de nos convertermos rezando todos os dias — por que não recitando o terço? — pela conversão da Rússia?

O «auxílio» tem organizado grandes campanhas de oração pela Igreja perseguida e pela Rússia. Segundo a palavra do Senhor, o homem solitário, miserável e fraco, pela oração torna-se mais poderoso do que os grandes do Mundo ...

... Os muros de Jericó tombaram ao embate da oração; Nínive foi poupada pela penitência dos seus habitantes. ... Rezai o terço, rezai pela conversão da Rússia, pelos perseguidos e pelos algozes cujas necessidades espirituais ainda são maiores.

... Nos territórios para além da «cortina de ferro», a agonia, a flagelação, a coroação de espinhos, o carregar a cruz e a morte de Jesus tornaram-se viva realidade. Hoje Jesus não é humilhado no Pretório, mas no hospital siberiano, onde o arcebispo José Slipyi limpou as sentinas durante 16 anos com as suas mãos consagradas. Jesus morreu de novo na pessoa do bispo ucraniano Nicolau Csarneckyi, de 74 anos, que subiu o calvário na companhia de milhões de irmãos, até sucumbir sob a cruz, esmagado pelo plano quinquenal do momento. O mesmo aconteceu ao Cardeal Stepinac, durante 14 anos de prisão ... de que só a morte o libertou. Esta a sorte de dezenas de bispos, de sacerdotes, religiosos e fiéis sem conta, neste sombrio século vinte, além da cortina de ferro ...

Recitai todos os dias o terço ... convertei-vos, fazei penitência ... pois só isso poderá salvar o Mundo ... Sou padre, esta é a verdade, se me calo, corro o risco de ser reprovado ...

Para atender à necessidade de construir e reparar os templos destruídos ou profanados, o nosso bom Padre fundou o Instituto Secular dos «Companheiros Construtores». O que estes jovens voluntários e estes religiosos conseguiram é uma epopeia de amor inacreditável!

Mas a acção do «Auxílio» foi sobretudo notável durante a revolução da Hungria. Foi o único auxílio real que de algum modo redimiu o Ocidente do seu cobarde abandono. Só o «Auxílio» ouviu o apelo do cardeal Mindszenty:

«A nossa miséria e as nossas necessidades são infinitas ...»

O «Auxílio» recolheu para o «Fundo Mindszenty» dois milhões de dólares. Mas, diz o Padre, a contribuição mais preciosa foi a ofensiva do Rosário. A sua inspiração veio de Fátima. Milhares de fiéis percorrem em oração silenciosa as ruas das cidades belgas, ajoelhando depois sob a chuva, a recitar o rosário em frente dos consuldos húngaros

ou em frente das catedrais, para comover o céu e encorajar os mártires.

Não ficou por aqui o zelo do Pe. van Straaten. O «Auxílio» estendeu-se à Terra Santa, à Coreia, Índia ... e hoje pensa na América Latina.

O livro recolhe o testemunho de alguns bispos da Igreja perseguida, que nos deve abrir os olhos, que muitos pretendem conservar fechados.

«Um dos bispos traz consigo a morte ... A sua face é translúcida e as suas mãos descarnadas conservam as cicatrizes deixadas pela tortura. Vive no seu seminário, um dos poucos que ainda não foi fechado, onde se amontoam os seminaristas das dioceses vizinhas, cujos seminários foram encerrados. Os professores têm o ar de operários: mãos calejadas, marcas dos campos de concentração onde passaram muitos anos. O reitor ainda está preso. O vice-reitor foi morto há alguns anos. O bispo é irredutível e sempre se recusou pactuar com o governo comunista. Por isso, o seu clero vive numa miséria como nunca se viu: sem honorários, sem qualquer fonte certa de subsistência, sob represálias sem fim ...»

Outro bispo, que tem por paço episcopal um único e modestíssimo quarto, declara: «Recuso qualquer compromisso com o governo, porque o menor favor paga-se por concessões da parte da Igreja, pelo menos pelo silêncio perante as medidas injustas do governo. Não podemos tornar-nos cães com medo de ladrar.»

O terceiro bispo frágil e idoso cujo guarda-pó mal oculta uma batina já sem cor e remendada, é ainda mais explícito:

«É impossível qualquer compromisso entre a Igreja e o comunismo.»

Com as suas mãos trémulas, faz-nos seguir para um local mais seguro pelo temor de que lhe tenham instalado um microfone onde nos encontramos. Para cá da cortina de ferro, não é possível qualquer «modus vivendi», mas somente um «modus moriendi», uma agonia lenta mas inexorável no torniquete de um sistema profundamente materialista, ateu, diabólico.»

«Convida-nos a visitar o seminário, de uma pobreza confrangedora, inimaginável. A abundância de vocações é verdadeiramente milagrosa. Muitos candidatos são recusados por falta de lugar. As famílias dos seminaristas são muito pobres e não é raro o pai do jovem ser despedido do trabalho, só porque deu um filho à Igreja. Pela lei, só aos 15 anos podem ser admitidos, depois de terem frequentado a escola oficial atea. Têm de interromper os estudos para fazer o serviço militar e contudo são raros os que renunciam.»

«Os seminaristas não recuam diante de qualquer sacrifício. O bispo considera uma graça de Mãe de Deus a sua fidelidade à vocação e o voltarem do exército puros de alma e de corpo.»

«Há países comunistas onde a Igreja tem de dar ao fisco oitenta e até noventa por cento das colectas e donativos recebidos.»

... «A Igreja está empenhada numa luta de vida ou de morte, mas a opressão suscita novos heróis.»

No fim do livro, este capítulo:

«Cântico na fornalha», onde se recolhem passos de muitas cartas dos mártires. Particularmente eloquente e impressionante a carta de uma religiosa, deportada na Rússia, para sua mãe:

«... Irás receber esta carta? Deves julgar-me morta ... Não ouves muitas vezes a minha dor? ...

Não nos esqueças, reza por nós! Os sofrimentos que têm de suportar as 1500 irmãs, são inacreditáveis. Somos tratadas como animais, pior ainda... Se caímos exaustas, mortas, se algum guarda nos mata, isso não tem qualquer importância. Se o trabalho não alcança o ritmo desejado, se o guarda está de mau humor, chovem as chicotadas. Primeiro, trabalhamos na construção de uma grande ponte, transportando grandes vigas. As que caíam eram espancadas e, se não conseguiam levantar-se, atiradas ao rio a pontapés. Muitas morreram. Como as invejamos! Agora trabalhamos numa mina onde o ar é irrespirável... Não temos qualquer conforto, não há Domingos nem festas, nem podemos comungar. Só trabalho, fome, chicotadas, uma barraca podre e roupas que caem aos pedaços. Trabalhar, trabalhar e ir morrendo de fome. Eu creio, tenho confiança, mas é tudo tão escuro. Nas trevas, a nossa alma grita: meu Deus, porque nos abandonastes?

... Contudo, continuamos com a nossa cruz ao peito e confiamos n'Ele, decididas a ser fiéis até à morte. Não posso descrever as humilhações a que nos sujeitam, como nos desonram e espezinham. Mas todas pertencemos a Jesus, apesar de tudo... De noite, não podemos dormir e choramos, esperando a morte que tanto tarda em nos vir libertar...»

A carta dispensa comentários.

Nós, os portugueses, não imaginamos a força inspiradora que Fátima representa no Mundo. Inspiradora de força e esperança, de sentido autenticamente cristão, de segurança na fé!

Permito-me citar as palavras de um dos espíritos mais lúcidos, bem informados e esclarecidos de Itália, um dos seus grandes empresários, Secretário Geral da UCID italiana, o Dr. VITTORIO VACCARI:

«É minha convicção de que Portugal, sobretudo os católicos portugueses têm no nosso tempo uma missão providencial. Fátima é um ponto de referência e de irradiação, consolador para quem, como nós, somos obrigados a combater na trincheira social, onde é mais forte o desgaste e mais ardente o embate».

Sim, força inspiradora.

Por isso, o Padre Werenfried veio a Fátima, já Moderador Geral, consagrar a Obra a Nossa Senhora de Fátima.

Fechamos com as inspiradas palavras dessa consagração:

CONSAGRAÇÃO

DO «AUXÍLIO À IGREJA PERSEGUIDA»

A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Santa Maria, Mãe de Deus, olhai os Vossos filhos Que suplicantes se voltam para Vós.

Vós que sempre dissestes «SIM» a Deus, Sois bendita entre todas as mulheres.

Modelai o nosso coração à semelhança do Vosso Na alegria do Vosso Espírito.

A Vós, Mãe das dores e Virgem Imaculada, Consagramos a nossa vida e toda a OBRA Que nos foi dado realizar em serviço Da Igreja Perseguida e ameaçada.

Protegei-nos como a todos os que nos são caros. Protegei todos aqueles que por Deus nos foram confiados.

Concedei-nos a Vossa Fé, a Vossa Esperança, a Vossa Caridade.

Tomai-nos à Vossa guarda como uma mãe E ficai sempre connosco.

Fátima, 11 de Agosto de 1966.

Werenfried van Straten

Moderador Geral da O. P. H.

P. S. — A Obra já está instalada em Portugal, precisamente em Fátima, com a aprovação e bênção do Sr. Bispo de Leiria. O livro que nos serviu de referência está traduzido e andará dentro em pouco nas mãos dos católicos portugueses que lhe reservarão o acolhimento que merece.

F A T I M A

n'est pas un pèlerinage; c'est avant tout un

MESSAGE DU CIEL POUR LE MONDE ACTUEL

En ce cinquantenaire des apparitions, lisez l'exposé méthodique et complet de ce message dans

CE QUE LA VIERGE NOUS DEMANDE

par C. Barthas, l'historien de Fatima particulièrement autorisé.

Commentaire de la parole capitale de Notre-Dame:

«Si l'on fait ce que je demande, beaucoup d'âmes seront sauvées et vous aurez la paix.»

Pour la première fois en France, le récit des apparitions subséquentes à Lucie religieuse.

Un vol. XVI-228 pages. Préface du cardinal Tisserant; cinq photos; 10 F; franco 12 F. (Joindre le montant à la commande)

FATIMA-EDITIONS, 3, rue Gabriel-Péri, Toulouse

C. C. P. 4 055, Toulouse

Demandez le catalogue de Fatima-Editions

Francisco Pereira de Oliveira

Por iniciativa do Santuário de Fátima e aprovada pelo mesmo, com a colaboração da Delegação Portuguesa de Filatelia Cristã «São Gabriel», da Federação Portuguesa de Filatelia, da Comissão Regional de Turismo de Leiria e o alto patrocínio de S. Ex.^{cia} Revma. o Senhor Bispo de Leiria, vai realizar-se no Santuário de Fátima uma Exposição Filatélica de Temática Religiosa «Mariana», com carácter de divulgação.

Integra-se esta Exposição nas Comemorações Cinquentenárias e para ela se convidam todos os coleccionadores de temas marianos, nacionais e estrangeiros, para que venham expor em Fátima os selos, contribuindo assim para a maior divulgação do culto mariano.

Não se trata propriamente de uma Exposição de competição, mas de um certame onde sejam apresentados, com a arte e saber dos filatelistas, os belos selos espalhados pelo Mundo inteiro, e que em Fátima formarão como um compêndio da devoção mariana, através da reprodução de quadros célebres, de catedrais e santuários, de símbolos da fé e da doutrina cristã e católica.

Para servir de orientação e apresentação dos temas, permitimo-nos sugerir alguns temas para a Exposição, e a transcrever parte do Regulamento da Federação Internacional de Filatelia Construtiva.

Temas: «Maria, nós Te saudamos»; «Nossa Senhora no selo postal»; «Avé-Maria»; «Ladainha de Nossa Senhora»; «Ano Santo e Ano Mariano»; «Maria, a Virgem Santíssima nos selos da Europa»; «Rainha de todos os Santos»; «O Cinquentenário de Fátima e a Filatelia Cristã»; «Mensagem de Fátima» e «Santuários Marianos».

Instruções do Regulamento da Federação Internacional de Filatelia Construtiva:

«O selo deve constituir o centro de toda a colecção temática. De reprovar é o muito texto e excesso de adorno.

A legenda não é para desprezar numa colecção temática. Deve ela esclarecer o pensamento director e ser adaptada ao carácter da colecção. Seja, porém, o mais possível concisa. Para certas exposições instrutivas valem, além disso, outras medidas. Os acréscimos de uma monografia particular, convenientemente desenvolvida, são de recomendar.

«A conservação dos selos deve ser correcta. Em peças usadas, o carimbo não deve cobrir o motivo da figura. Podem ser tomadas em consideração as diferenças de filigrana e as diversidades de denteado.

«Em particular, é de conceder à individualidade do coleccionador ou expositor a mais ampla liberdade. Isso valoriza essencialmente a escolha e a limitação do motivo, bem como a ordem e apresentação artística.

«Puras colecções de motivos com figuras, sem arranjo temático, valem como colecções de fundo, de que podem resultar colecções de motivos pelo arranjo do tema. Estas colecções de fundo não devem ser expostas, em exposições nacionais ou estrangeiras, no grupo das colecções de motivos.

«Para a apresentação das colecções de motivos vale a regra da escolha clássica da ordenação unitária por selos só usados ou só novos. Em caso contrário, devem-se justificar particularmente as excepções.»

REGULAMENTO

Artigo 1.º — A exposição reger-se-á pelos regulamentos da F. I. P. e da F. P. F. e pelas seguintes disposições:

Art.º 2.º — Admitem-se nesta Exposição:

Selos adesivos, reimpressos e blocos, marcas postais e selos pré-adesivos, inteiros postais, projectos ensaios, provas e erros, carimbos e obliterações postais e telegráficas, selos falsos, desde que estejam devidamente assinalados e integrados em estudos filatélicos, postais máximos e sobrescritos do 1.º dia (F. D. C.), literatura filatélica.

Art.º 3.º — As colecções temáticas de assunto e de finalidade de emissão deverão apresentar-se de acordo com as normãs do Regulamento Internacional das Colecções temáticas, emitido pela F. I. P. em 1966.

§ 1.º — Os postais máximos e os sobrescritos do primeiro dia, só poderão ser admitidos integrados nas colecções-temas.

Art.º 4.º — Serão admitidos, como expositores, todos os coleccionadores de selos, quer nacionais quer estrangeiros.

§ 1.º — Aos expositores que tenham obtido quaisquer prémios em exposições nacionais ou internacionais anteriores e bem assim grandes prémios, pede-se que façam constá-lo à Organização.

§ 2.º — O material exposto em nome dos concorrentes se não sob qualquer pseudónimo, deverá ser sua pertença.

Art.º 5.º — Não haverá classes de competição, uma vez que a Exposição tem por fim a divulgação de temática filatélica mariana e ainda contribuir para as comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima.

A literatura filatélica compreende: monografias com estudos filatélicos, revistas ou jornais da especialidade e jornais que mantenham uma secção permanente dedicada à filatelia.

Admissão

Art.º 6.º — Haverá uma Comissão para admissão das peças a expor e será constituída por filatelistas de reconhecida idoneidade.

Desclassificação das colecções

Art.º 7.º — Nenhum tema poderá patentear selos condenados pela F. I. P. e que conste das listas já publicadas, sendo eliminadas as colecções que os apresentem.

Prémios

Art.º 8.º — A todos os expositores serão atribuídas medalhas comemorativas, de bronze prateado, além de diplomas da participação na Exposição.

Inscrições

Art.º 9.º — As inscrições provisórias deverão ser

enviadas ao Commissariado Geral da Exposição — Santuário de Fátima, até ao dia 30 de Março.

Entrega das colecções e sua montagem

Art.º 10.º — A Comissão Executiva não se responsabiliza pela montagem das participações que sejam recebidas posteriormente ao dia 7 de Maio, pelo que os expositores deverão providenciar pelo seu envio, com a devida antecedência, directamente, ou através dos bons officios dos Delegados de São Gabriel.

§ 1.º — Prevê-se que a montagem das participações poderá ser feita pelo próprio expositor até à véspera da inauguração.

§ 2.º — Os expositores que pretendam montar pessoalmente as suas participações deverão do facto dar prévio conhecimento à Comissão Executiva até ao dia 15 de Abril.

§ 3.º — Não sendo recebidas até ao mencionado dia, quer as participações quer a comunicação referida no § anterior, a Comissão executiva entenderá que o expositor inscrito desistiu de participar a actuará em conformidade.

Quadros

Art.º 10.º — Os quadros terão as dimensões de 1,05×1,10 metros e deverão em princípio conter o máximo de 15 folhas de album de dimensões normais.

Seguro das colecções

Art.º 12.º — Será da exclusiva competência dos expositores, e não dos commissários ou do Secretariado da Organização, o seguro das colecções.

§ único — O local da exposição permanecerá sob vigilância permanente e será defendido do sol, não se podendo responsabilizar a organização por qualquer perda ou dano surgido durante, antes ou depois da realização da exposição nas participações dos expositores, embora diligencie para que tal não suceda.

Devolução das colecções

Art.º 13.º — Após o encerramento da Exposição o material será devolvido aos respectivos proprietários, no máximo período de 5 dias, pela forma e ordem que fôr recebido, salvo se o expositor optar por outra modalidade, não cabendo à Comissão organizadora quaisquer culpas provocadas pelos atrasos eventuais devido às transferências postais ou alfandegárias.

§ 1.º — As despesas decorrentes da remessa e devolução das colecções correrão por conta dos expositores.

§ 2.º — Nenhuma participação poderá ser retirada antes do dia imediato ao encerramento da Exposição.

Casos omissos

Art.º 14.º — Os casos omissos no presente regulamento serão resolvidos de forma definitiva pela Comissão Organizadora, depois de consultada a Federação Portuguesa de Filatelia.

Como atrás se diz, não será uma exposição de competição. Todo o homem de qualquer nação ou raça é convidado a apresentar nesta Exposição, um tema representado em selos do sorreio, um estudo ou documento sobre filatelia mariana, e receberá como prémio uma medalha, um diploma e as publicações que forem editadas sobre o acontecimento.

Pretende-se que estejam representadas neste certame as nações que tenham emitido selos de tema mariano, e que não falte nenhum coleccionador especializado deste tema, que exista em qualquer ponto do Globo.

Por se tratar de uma exposição destinada ao público não especializado serão admitidas fotografias e outros documentos curiosos que esclareçam o assunto apresentado.

Os boletins de inscrição devem ser pedidos ao COMISSÁRIO DA EXPOSIÇÃO FILATÉLICA — SANTUÁRIO DE FÁTIMA.

QUER GANHAR DINHEIRO ?

RECEBEMOS JÁ CENTENAS DE RESPOSTAS MAS AINDA HÁ UMA OPORTUNIDADE PARA SI

SE É JOVEM OU, PELO MENOS, NÃO SE SENTE VELHO . . .

SE É DINÂMICO . . . • SE SABE FALAR . . .

SE NO MEIO ONDE VIVE HÁ UM MÍNIMO DE CULTURA . . .

SE VIVE NO ESTRANGEIRO, TAMBÉM . . .

ESCREVA - NOS

TEMOS UMA PROPOSTA A FAZER-LHE.

ESCREVA PESSOALMENTE E AGUARDE UMA RESPOSTA PESSOAL
UM VENCIMENTO EXTRA PARA AS SUAS NECESSIDADES OU SUAS DISTRAÇÕES . . .

Dirija a sua carta a **Dr. Mário de Figueiredo A/C** de "Fátima-50"

FÁTIMA — PORTUGAL

FÁTIMA E A HUNGRIA

O Cardeal Mindszenty foi guia e mestre na interpretação e na prática da Mensagem de Fátima na Hungria.

Em 1945, na sua primeira alocução como Cardeal, disse: «Sejamos um povo que reza. Deposito a minha confiança no terço e na cruzada de orações de milhões de pessoas». O seu programa mariano tornou-se a origem do movimento de reparação, de penitência e oração, segundo a Mensagem de Fátima. Como exemplo de reparação apresentou Sta. Margarida da Hungria: «Não é por acaso que trago a imagem de Sta. Margarida no meu braço. É porque olhando todos esta preciosa pedra (margarida é uma pedra preciosa), a obra de reparação se estenda, como poderosa corrente, a todo o país».

Em Fevereiro de 1946, afirmou numa carta pastoral: «Uma justa reparação deve ser feita principalmente onde se propaga o pecado e se mostra o castigo da cólera de Deus. Convidamos todos a que tomem parte no grande movimento de reparação da Hungria. A força humana já não chega; colocamos a nossa esperança nos corações de Jesus e Maria. Deles pedimos e esperamos a nossa salvação. Entre os meios de uma comunidade de reparação, contam-se principalmente a Santa Missa nos primeiros Sábados de cada mês, segundo o espírito de Fátima, o terço e a comunhão. O nosso destino depende muito do número daqueles que fazem reparação e penitência».

O Cardeal Mindszenty falou das Aparições de Fátima e dos ensinamentos que daí se deviam tirar, noutra carta pastoral, pelo Natal de 1946: «Já que as esperanças terrenas falharam, devemos procurar a paz junto da Rainha da Paz. A nossa Pátria necessita de ardentes chamações de oração, de fé e de reparação; precisamos de gente que reze e que expie».

No dia 15 de Março de 1947, o Cardeal Mindszenty abriu solenemente as missões populares de reparação, que o Episcopado húngaro determinara para todo o país. Depois do seu encerramento, por ocasião do 30.º aniversário da Mensagem de Fátima, foram celebradas em cada dia 13 dos meses de Maio a Outubro, na Igreja dos Palotinos, devoções de reparação em agradecimento pelas graças recebidas. Durante a primeira celebração, o Cardeal acentuou a importância da Mensagem de Fátima para a Hungria e para todo o Mundo e caracterizou o terço como a arma mais poderosa do Catolicismo, pois vence até o que poderia parecer impossível. Na última celebração, no dia 13 de Outubro, o terço foi rezado junto da Igreja por 110 000 fiéis. Na alocução de encerramento, o Cardeal apontou Maria como nossa Mãe que nos guia, nos ajuda e nos ensina a rezar. Uma grande multidão,

cantando a Nossa Senhora, tomou parte na procissão das velas.

Em Agosto de 1947 os bispos húngaros anunciaram, para comemorar o 30.º aniversário das Aparições em Fátima, um Ano Jubilar Mariano (1947-1948) cuja finalidade era o aprofundamento da Mensagem de Fátima nas almas.

O ponto culminante desse Ano Jubilar foi a Consagração da Hungria a Nossa Senhora durante o Congresso Mariano em Budapeste. Nas peregrinações deste Ano Mariano sob o signo de Fátima, participaram centenas de milhares de peregrinos. O Cardeal fez oração e penitência com os seus fiéis. Participou em doze dias dedicados a Maria, celebrando a Missa, pregando e encorajando os homens desanimados. Exortava constantemente à reparação e à reza do terço: «Agarremo-nos ao terço. Com ele vencemo-nos a nós mesmos, convertemos os pecadores e santificamos a nossa Pátria. Com esta cadeia de eleição temos acesso à misericordiosa e clemente Virgem Maria, que muito nos ama».

Na sua alocução de 8 de Junho de 1948 afirmou: «A Bem-aventurada Virgem Maria dispõe de um grande poder na vida dos povos, como nos mostra o exemplo de Portugal. Maria afastou a cruz de Portugal, quando o país honrou o Seu Imaculado Coração com a reza do terço e prestou reparação. Também o nosso país pertence à excelsa Senhora; a nós também nos ajudaria se nos voltássemos para o Seu Coração Imaculado».

Os representantes oficiais das autoridades começaram a perturbar cada vez mais os dias dedicados a Nossa Senhora. As procissões eram dispersas a golpes da polícia. Aumentavam as queixas que o Cardeal Mindszenty refutava: «O fim dos dias dedicados a Maria é o aprofundamento da devoção tradicional dos húngaros a Nossa Senhora, e da consciência religiosa. Questões puramente políticas nunca foram tocadas; nós proclamamos, pelo contrário, as virtudes marianas, os dez mandamentos, a dignidade do homem, o amor e a verdade».

Os ataques continuaram. Procissões e celebrações em honra de Nossa Senhora de Fátima foram proibidas. E no dia 26 de Dezembro de 1948 o Cardeal Mindszenty foi preso. (No mesmo dia, na Basílica de Fátima, era benzida pelo bispo de Leiria, a estátua de Nossa Senhora, que se destinava à Áustria e que agora se encontra em Graz-Muenzgraben). Ainda antes de ser preso, conseguiu escrever o testamento aos seus padres. Nele faz referência à Mensagem de Fátima: «As graças do Ano Mariano são uma preciosa reserva de forças. A confiança em Nossa Senhora de Fátima é muito necessária.»



Assim passa por toda a actividade pastoral do Cardeal Mindszenty o esforço constante pela interpretação certa e pela realização prática da Mensagem de Fátima.

Quando o sacerdote húngaro Elias Kardos, depois da sua fuga, visitou Fátima, notou que ainda lá não havia nenhum Calvário. «Nós, húngaros, que temos uma cruz para carregar, devíamos construí-lo». Esta ideia tornou-se seu programa de vida. Na festa de Sto. Estêvão da Hungria, em 1953, fundou em Barcelona o «Comité do Calvário Húngaro em Fátima denominado do Cardeal Mindszenty». Através da revista «Notícias do Calvário de Fátima», muitos húngaros, espalhados por toda a parte, aderiram ao seu plano. O Padre Kardos escreveu na sua revista: «O arcebispo, encontrando-se detido, não pôde continuar as celebrações públicas em honra de Nossa Senhora de Fátima, de que ele foi o iniciador. Mas nós, húngaros, longe da Pátria, podemos segui-lo dignamente pela construção de uma Via-Sacra em Fátima e, assim, implorar o olhar do Filho de Deus crucificado para o nosso povo. Devemos igualmente erigir um altar consagrado a Nossa Senhora, de quem pedimos a intercessão e esperamos a protecção».

A primeira pedra do Calvário foi colocada e benzida pelo Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio a 21 de Junho de 1959. Na sua alocução, Sua Excelência Reverendíssima afirmou que não era por acaso que os filhos do povo húngaro construíam aquela Via-Sacra. Nossa Senhora prometera em Fátima, que povos submetidos a uma tirania terrível, seriam libertados se verdadeiramente se arrependessem. A Mãe de Deus impetraria a libertação do povo húngaro que, há mil anos, A ama e A venera. Já Sto. Estêvão, o primeiro rei da Hungria, consagrara a sua coroa e o seu povo à gloriosa padroeira.

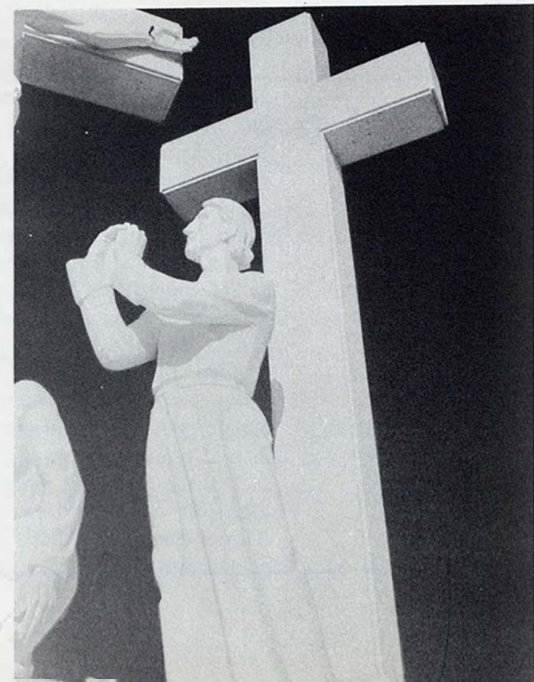
No dia 12 de Maio de 1964, o Bispo de Leiria inaugurou a Via-Sacra e o Calvário em

Fátima. O Padre Elias Kardos já não pôde viver esse grande dia, mas a sua obra permanece ao serviço da reparação ao Imaculado Coração de Maria para que o futuro da Hungria seja feliz.

No Convento Franciscano de Guessing, na Burgúndia, foi fundada em 1961 a «Cruzada Húngara de Reparação» para o cumprimento da Mensagem de Fátima. Mais tarde esta Cruzada espalhou-se por entre os húngaros de todo o Mundo, com a ajuda da «Cruzada do Terço e da Reparação» iniciada em Viena. Para este fim foi publicada a revista «Hungria a rezar».

Em 1956 os húngaros erigiram uma capela com uma estátua de mármore de Nossa Senhora, nos Valinhos, onde Maria aparecera a 19 de Agosto de 1917. Algum tempo depois, foi colocada, num dos nichos da Basílica de Fátima, uma grande estátua de Sto. Estêvão, rei da Hungria. À Basílica também foi oferecido um precioso cálice.

Digna de nota foi a celebração em honra de Nossa Senhora de Fátima, levada a efeito pelos franciscanos húngaros num lugar de peregrinação em Youngstown, U. S. A., em Setembro de 1965. Esteve presente o bispo de Leiria que descerrou uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, oferecida por ele em sinal de agradecimento aos húngaros espalhados pelo Mundo inteiro. Nesta ocasião consagrou também todos os húngaros, na Hungria ou no estrangeiro, ao Imaculado Coração de Maria. Na sua comvente alocução, disse que o povo húngaro não só escrevera a Mensagem de Fátima no coração mas que também ficava intimamente unido a Fátima pela construção da Via-Sacra e da Capela do Calvário.



13 DE FEVEREIRO



PEREGRINAÇÕES

As principais intenções pelas quais os peregrinos de Fátima do dia 13 de Fevereiro de 1968, oraram, foram: a breve beatificação de Jacinta Marto, a quem Nossa Senhora apareceu, falecida há quarenta anos no hospital de D. Estefânia em Lisboa; a santificação da Juventude Católica Feminina do Mundo inteiro. As jovens da Acção Católica foram particularmente lembradas ao comemorar-se, com alguns dias de

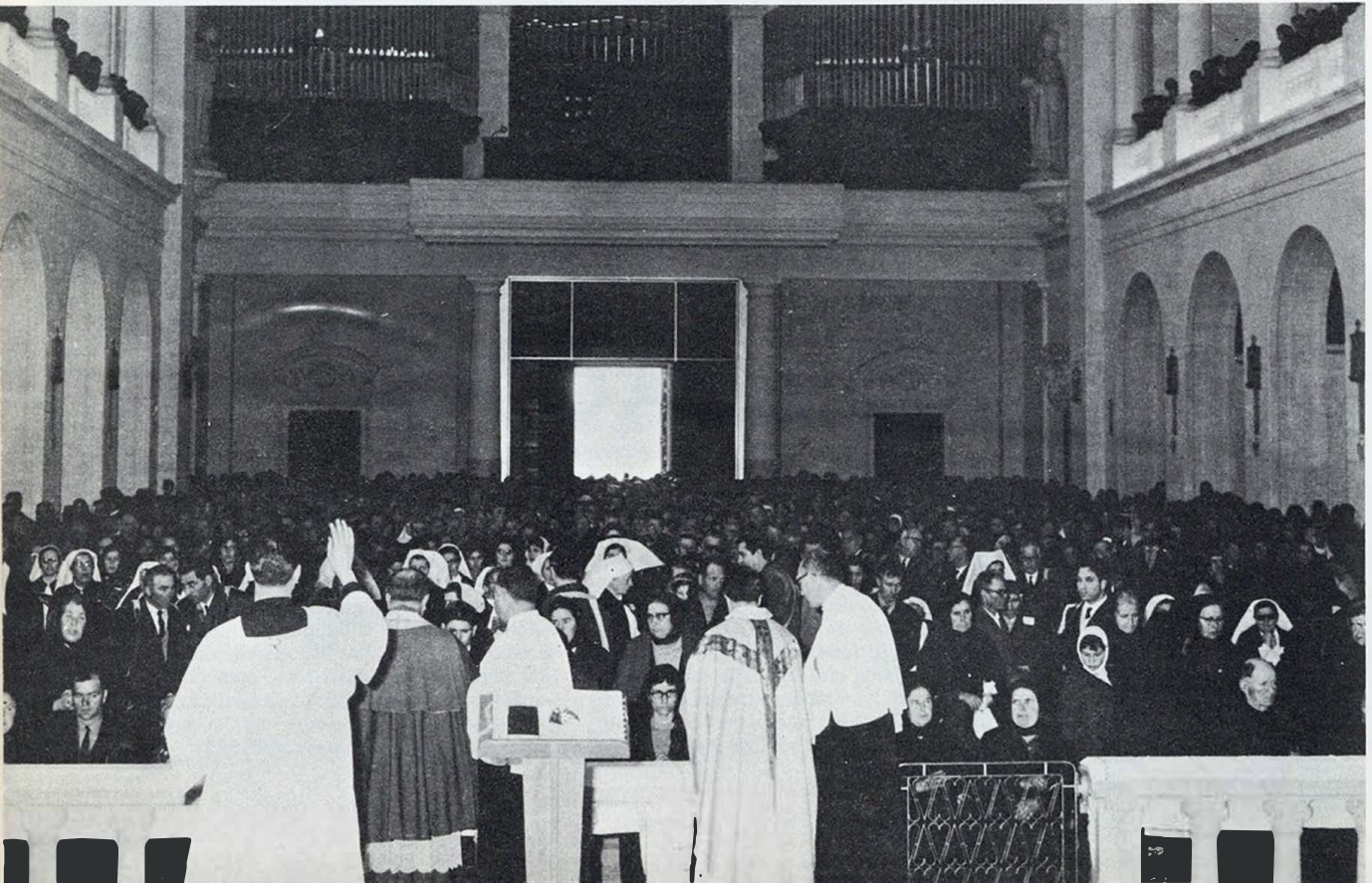
antecipação, o aniversário do falecimento da pequena vidente de Nossa Senhora, por ter sido a Juventude Católica Feminina Portuguesa quem pediu a instauração do processo de beatificação de Jacinta. Este processo está concluído, faltando apenas apresentá-lo às Autoridades Eclesiásticas competentes para o seu prosseguimento até levar à honra dos altares a nossa pequena compatriota.

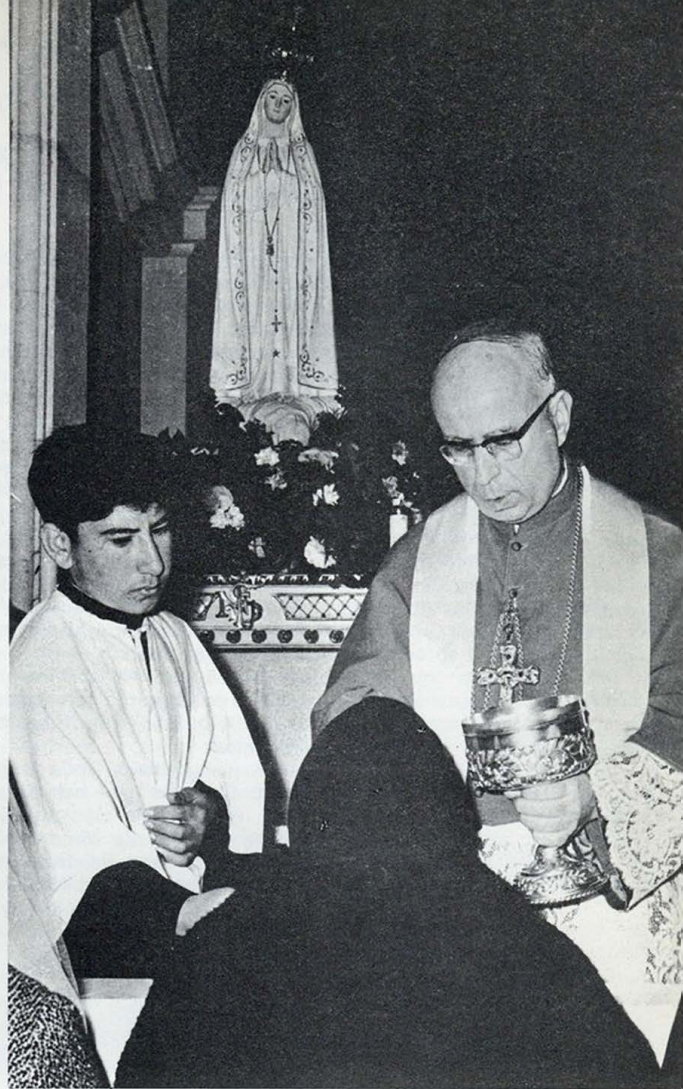


Presidiram às cerimónias os dois Prelados de Leiria, residencial e auxiliar, respectivamente D. João Pereira Venâncio e D. Domingos de Pinho Brandão. Apesar do tempo invernal, juntaram-se alguns milhares de peregrinos que encheram por completo a Basilica onde, após a reza do Terço e procissão conduzindo a Imagem de Nossa Senhora que se venera na Capelinha das Aparições, foi celebrada a Missa. Oficiante, o Revdo. Pe. Dr. Mário Manuel d'Oliveira Figueiredo quem, auxiliado pelos senhores bispos presentes, distribuiu a Comunhão a algumas centenas de peregrinos.

Ao Evangelho, o celebrante fez uma alocução aos peregrinos, recordando as intenções do dia e da qual extraímos alguns passos significativos:

«Os homens do nosso tempo são violentamente sacudidos pelas forças das suas próprias ideias e descobertas. O Mundo não conheceu, talvez, nenhuma época limiar como esta, nem mesmo com a descoberta do fogo, primeiro, e depois, com a invenção da roda. Os homens sentem-se atirados para lá do meio em que sempre têm vivido e embrenham-se no mundo de mistério que antes era o Universo e hoje já não é, graças às novíssimas invenções e extraordinários engenhos produto de uma inteligência enormemente desenvolvida. Tal desenvolvimento intelectual provocou uma crise de fé. O homem julga poder desvendar todos os mistérios, não admite nada que permaneça fora do campo da sua inteligência e, por isso, não quer aceitar a existência de um Deus superior a tudo e ao próprio homem, naturalmente. Esta crise de fé lançou raízes principalmente entre os jovens, mais audaciosos e perspicazes do que os seus pais. E no próprio terreno católico, também. Gente com fé, certo tipo de fé, leva à Igreja esta





inquietação, este espírito de independência e, com a pretensão de fazer uma Igreja para o nosso tempo, esquecem, voluntariamente, os princípios fundamentais da mesma Igreja, fundada por Jesus Cristo numa ordem hierárquica para salvaguarda das verdades que nos veio ensinar. A obediência é atitude que se despreza. No entanto, só na humildade que é amiga da verdade e na obediência que conserva a ordem dos valores, se pode fundar a Igreja, estabelecida por Cristo sobre a «pedra» inabalável do Príncipe dos Apóstolos e seus legítimos sucessores os quais são os representantes de Cristo na Terra, a Cabeça visível do Corpo que é a Igreja Católica.

«Perguntar-se-á em que medida, de que modo a pequena Jacinta, uma simples aldeã educada em princípios tão rudimentares como os que vigoravam nas nossas famílias tradicionais nos meios tradicionais dos nossos povos, há cinquenta anos, pode ser modelo para uma juventude tão evoluída como a actual? Precisamente pelo seu espírito de obediência à Igreja, pela sua profunda união com o Papa. E Jacinta não era o que vulgarmente se pode entender por criança: uma criatura sem tino, quase inconsciente. A sua tenra idade não impedia um tino especial e uma compreensão dos problemas muito ajuizada e conscienciosa, talvez um pouco superior ao que se podia esperar da sua idade, mas real, até pela preparação e educação recebida de Nossa Senhora. Por isso a Jacinta é modelo não só para os jovens como também para os adultos. Se uns e outros precisam de um modelo de fé e de obediência, encontram-no, perfeito, na pequena vidente de Nossa Senhora.



A participação na Missa pela Comunhão é uma das principais características do «caso» de Fátima. Na peregrinação de Fevereiro, centenas de peregrinos receberam o Corpo do Senhor das mãos do oficiante e dos Revdmos. Prelados de Leiria.

«Ao encontro dos legítimos desejos da nossa juventude que quer ver e viver uma Igreja renovada, segundo o seu melhor espírito, o espírito de obediência da Jacinta. Só na obediência aos Pastores postos por Cristo para guardar o Seu rebanho, se pode renovar e viver uma autêntica Igreja. Fora disso nada é possível e caminhamos para o abismo do desespero de não encontrar o caminho da vida.

«Nossa Senhora é também e mais do que ninguém, o modelo desta fé e obediência. A Senhora, na Cova da Iria, comunicou-nos uma mensagem de oração e penitência. A Igreja vive na oração, na caridade de união com Deus e com o próximo, como ao princípio, tal como sabemos dos Apóstolos e da Virgem Maria que, «em oração, juntamente com os Apóstolos esperava a vinda do Espírito Santo». Vive a Igreja no espírito de penitência que é justiça, autenticidade de vivência humana e cristã.»

Depois da Missa o senhor D. Domingos de Pinho Brandão recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria e deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes.

A fechar a peregrinação, após a Procissão do Adeus, o senhor Bispo de Leiria benzeu, na Capelinha das Aparições, um artístico círio com uma gravura representando a aparição da Virgem e que vai ser enviado para o Santuário de Nossa Senhora de Fátima de Biauzy-Lanvaux, Morbihan, França.



O Revdo. Pe. Bello faz a sua última peregrinação jubilar no Ano Cinquentenário.

P.º JOSÉ DA SILVA BELLO, S. J.

Em vésperas de regressar ao Brasil onde tem o seu campo de apostolado habitual, veio a Fátima, no dia 13 de Fevereiro, para se despedir de Nossa Senhora, o Revdo. Pe. José da Silva Bello. Este sacerdote da Companhia de Jesus trabalhou com a Comissão Central do Cinquentenário, por especial deferência dos seus Superiores, durante um ano. Trabalhou ainda com a equipa da nossa revista. O seu trabalho, deveras importante, há-de ser largamente recompensado por Nossa Senhora, estamos certos. Ao despedir-se, o Revdo. Pe. Bello deixou para a nossa revista algumas declarações interessantes das quais reproduzimos alguns passos: «Depois de um ano vivido no cenário abençoado da Cova da Iria, onde a fé se transforma e se torna mais ardente, parto feliz, porque os meus lábios vão poder falar do que me enche o coração: em Fátima as almas vêm ao encontro de Deus e, num contacto mais íntimo com o seu Criador, enchem-se de graça ... No ambiente sagrado pela visita da Mãe de Deus e abençoado com a Sua presença, as almas recebem melhor a graça de Deus porque sentem um mais vivo arrependimento dos seus pecados ... A mensagem de Paz e Amor que é Fátima é o que eu levo para o Brasil, como fruto de um ano passado em Fátima, Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora.»

Agradecendo ao Pe. Bello a sua dedicada colaboração, desejamos-lhe a continuação de um fecundo apostolado em terras de Santa Cruz e que propague, entre os irmãos brasileiros, a sua grande devoção à Virgem Santíssima.

AS APARIÇÕES MARIANAS NO AMBIENTE ECUMÊNICO

P. HENRIQUE S. C. ANÁLISE DA POSTURA DE ALGUNS AUTORES PROTESTANTES

A postura do mundo católico perante as aparições marianas reveste-se dos mais variados aspectos e obedece a causas diversas.

Jean-Baptiste Laffon, num estudo sobre a influência de Lourdes na vida da Igreja — e dizer Lourdes é, por antonomásia, referir-se às aparições da Virgem Maria — refere-se à apologética de Lourdes, fazendo frequentes referências aos teólogos protestantes e à actual postura do mundo científico, dominado pela incredulidade. No mundo de hoje manifesta-se uma oposição sistemática a tudo quanto é sobrenatural.

Mas o mundo protestante é crente: tem fé na Palavra de Deus, aceita a Revelação. Que posição adopta perante as aparições marianas? Mons. Mathieu, Bispo de Aire et Dax, numa carta pastoral publicada na Quaresma de 1958, expressava-se, nestes termos, reproduzindo a atitude do mundo religioso acatólico perante as aparições de Lourdes: «Os milagres de Lourdes podem ser constatados. A Igreja convida os os sábios para que examinem, constatem e diagnostiquem. A negação, sem dúvida, será sempre possível. Ninguém pode arrancar à fé o seu carácter de dom gratuito, nem o seu mérito. A mensagem de Lourdes suscitou sempre adesão e repulsa, submissão e crítica, ira e amor.» (Cf. em Jean-Baptiste Laffon: *Influence de Lourdes dans la vie de l'Eglise, em Maria et Eccl., II, 1959, 416-417*).

Com efeito, homens de todas as religiões e de todas as crenças se têm aproximado de Lourdes, atraídos pelo milagre da aparição de Maria. Foram com fervor ou com indiferença, por curiosidade ou por inquietude de espírito. E Lourdes permaneceu fiel a essa mensagem, provocando adesão, admiração, submissão ou repulsa, crítica e contradição. Dedeban refere casos concretos de diversa índole, demonstrando como as aparições marianas de Lourdes constituíram um centro de vida teologal. (Georges Dedeban, *Lourdes, centre de vie théologique, em Virg. Imm., XVI, 1956, 144-150*).

Qual é o pensamento dos teólogos protestantes? Difícil e perigoso falar da postura intelectual, afectiva ou religiosa das Instituições em particular. Falemos da postura de alguns autores concretos.

Le Journal de Genève (Etienne de Peyer) manifestou-se como expoente de uma postura, desconhecemos até que ponto generalizada e compartida por outros protestantes. Nos números dos dias 16 e 18 de Julho de 1958, reflectia sobre os acontecimentos de Lourdes. Reconhece a presença de qualquer coisa de sobre-humano no lugar das aparições. Mas reduz ao mínimo o seu sentido e deixa à margem a eficácia salvadora da aparição de Maria, vendo nesses factos portentosos apenas o sinal de um Deus que ainda escuta as preces dos homens. Laffon copia estas expressões claramente significativas: «Este lugar de peregrinação propõe sérias questões a qualquer homem, seja qual for o seu modo de conceber a vida ... Mas um facto fica bem patente: a humanidade de Lourdes espera do céu a salvação da verdadeira vida ... Qual é a origem dos milagres de Lourdes? A resposta é fácil. Perante a submissão da humanidade, tão evidente neste lugar, Deus leva ao extremo o Seu amor atendendo as orações, mesmo que elas sejam mal orientadas.» (Le Journal de Genève, 16/18 de Julho de 1958. Cf. Laffon, o. c.).

De Peyer não nega directamente a realidade dos milagres de Lourdes. Mas desfoca a mensagem das aparições. Parece que o princípio *solus Deus* pesa sobre o seu pensamento. Porque não reconhece, no lugar das aparições, senão uma manifestação de Deus que leva o Seu amor ao extremo de escutar as preces dos homens ainda que mal orientados? Porque em Lourdes todos invocam Deus por meio de Maria. Ultrapassando essa visão das coisas, o catolicismo e a autoridade da Igreja reconhecem que Lourdes, como lugar das aparições, não é somente a prova de Deus e da ordem sobrenatural, mas também a manifestação da Sua acção salvífica na Igreja de Jesus Cristo, por meio de Maria.

Dois protestantes dos nossos dias, o pastor Hebert Roux e Roger Mehl, professor da Universidade de Estrasburgo, fundados nos mesmos princípios de *sola Scriptura* e a condição de Cristo como único *Medianeiro*, manifestam uma atitude contrária às aparições marianas e à mensagem das aparições.

H. Roux raciocina com muita sinceridade, orientando o problema no conjunto da ciência mariológica. Compreende a dificuldade de determinar o ponto de vista protestante na mariologia da qual são um capítulo o culto e as aparições marianas. Dados os princípios fundamentais que utiliza no desenvolvimento do seu pensamento, não é difícil conhecer a sua postura ante as aparições, como sucessos religiosos.

Em força do princípio de *sola Scriptura*, cre que deve travar-se o progresso mariológico, porque o esplendor da Virgem obscurece ou diminui o de Cristo, turbando a tese clássica do Cristocentrismo e modificando o ensino bíblico sobre o medianeiro único. Além disso, as aparições marianas, pela mensagem que encerram têm verdadeiramente um sentido soteriológico, cooperando, agora, maternalmente, na salvação dos homens. Roux atenua este ofício da Virgem Maria, embora admita que ressuscitou gloriosamente com Cristo. «Mas a ideia, diz, de qualquer participação de Maria como pessoa, na acção redentora ou no reino actualmente presente de Cristo sobre a Igreja e sobre o Mundo, não se pode admitir senão admitindo uma relação ontológica entre Cristo, e a Virgem Maria, o que conferiria a esta última uma realza celeste e uma maternidade divina permanente.» (H. Roux, *Bilan de l'écriture au point de vue protestant, em Et. Marial., XX, 1963, 60-61 ss.*).

R. Mehl, numa obra de interpretação do catolicismo romano e numa panorâmica geral, chega à mesma conclusão. Não gosta do desenvolvimento dado pelo catolicismo à mariologia e muito menos das manifestações milagrosas de Maria. Comenta o Pe. Le Guillou: «O protestante sente-se incomodado ante o desenvolvimento mariano católico. Tem o sentimento de abandonar o domínio da pura religião bíblica, da teologia cristã inteiramente dominada pelo cristocentrismo, ao qual quer ser fiel, para entrar num mundo impuro; misturado, que foge à submissão devida ao poder da Palavra de Deus. A mariologia católica, construída a partir de toda a espécie de analogias, de alegorias, de reflexões, de especulações demasiado humanas, fá-lo descobrir um cristianismo marginal, parasita, cuja vida de fé está turva, precisamente porque está assimilada a superstições populares, reveladoras de um fundo mal disfarçado, mal esterilizado de crenças pagãs.» (M. J. Le Guillou, O. P., *Mariologie et Protestantisme, em Et. Marial., passim*).

O tema das aparições marianas está no fundo

desta crítica e forma como que o cenário deste quadro tão sombrio.

A teologia evangélica manifesta uma forte oposição ao desenvolvimento da mariologia católica, apegada como está aos clássicos princípios de *sola Scriptura* e Cristo único Medianeiro. Os seus expoentes opõem-se, geralmente, aos dogmas marianos recentemente definidos pelo Magistério Eclesiástico. Walter Kunneth põe em dúvida a doutrina do Concílio de Efeso sobre a «Mater Dei», por considerá-la não bíblica. Num livro publicado em 1950, pensa que a devoção que a Igreja Católica professa a Maria contém muitos elementos mitológicos, trazidos de outras religiões. Julga ilegítima essa apoteose que faz da figura de Maria, a qual diminui e obscurece a figura de Cristo, particularmente na ordem religiosa e no terreno da salvação, já que esta nos vem somente de Cristo e por Cristo e de modo algum por Maria. (W. Kunneth, *Christus odoer Maria?*, Berlim, 1950. Cf. A. Brandenburg, *De Mariologia ac de cultu.*, L. c. págs. 503-504).

As mesmas objecções opõem à doutrina, culto e piedade mariana da Igreja Católica Franz Vierung, num livro escrito para os homens de ciência e os pregadores e que obteve grande difusão. O autor é membro da «Evangelischer Bund». No seu livro têm vigência os três clássicos princípios do protestantismo a que já nos referimos várias vezes. Desassombradamente, Vierung afirma que os católicos, no seu afã de glorificar Maria, criaram uma deusa ao lado do Deus Santíssimo. (F. Vierung, *Roemisch-Katolischer Marienglaube und die Botchaff der Reformation*, Gladbeck, 1955. Cf. Brandenburg, o. c.).

Mais pormenorizada é a postura de Hans Duefel, numa dissertação sobre Maria segundo Lutero, que mereceu a aprovação da Universidade Teológica Luterana de Erlangen, e que foi publicada em 1958. Diz que a mariologia é uma realidade desconhecida na Igreja primitiva e que, pouco a pouco foi deslocando a cristologia. Não aceita a apoteose ou deificação do homem que a mariologia católica personifica em Maria. Pensa que o culto dos santuários marianos, peregrinações, a filatelia mariana (refere-se aos selos do santuário de Mariazell) fomentam o culto à divindade materna, que é reprovável, por ter certo colorido pagão. (H. Duefel, *Maria bei Luther*, Erlangen, 1958. Cf. Brandenburg, o. c.).

Não são estes os únicos representantes desta corrente evangélica. A realidade das aparições marianas, como fenómenos religiosos, não têm lugar nos esquemas da sua teologia. Os defeitos que denunciam no culto mariano da Igreja Católica, têm lugar, particularmente, em torno das aparições e santuários: apoteose mariana, etc. Por isso, parece-nos exacta e objectiva uma das conclusões de Brandenburg: «Os protestantes não compreendem a veneração que se dedica à Mãe de Deus nos santuários consagrados à Virgem Maria ...» (Albertus Brandenburg, o. c. pág. 516).

Na realidade, esta conclusão pode confirmar-se com não poucos documentos. Citamos um da última hora. Referimo-nos a Warren A. Quanbeck, que interpreta o problema da mariologia actual, na era pós conciliar, no catolicismo e no protestantismo. As suas frases não são apenas a expressão do seu pensamento e posição pessoal, mas também uma manifesta declaração do pensamento dos protestantes em geral, sobre a doutrina mariana, o culto

e a veneração a Nossa Senhora, em que se inclui o caso das Suas aparições.

As suas palavras merecem ser transcritas na íntegra. Estão escritas com uma preocupação ecuménica:

«Uma das questões mais delicadas na discussão teológica entre católicos romanos e protestantes é a do lugar de Maria. Os católicos romanos defendem uma posição doutrinal e cultivam uma piedade que são absolutamente incompreensíveis para os protestantes. Vivem, neste aspecto, em dois mundos totalmente distintos, movem-se em duas atmosferas absolutamente diversas ...

Os católicos perguntam-se se os protestantes não enfermam de falta de realismo e profundidade na sua teologia. Os protestantes, pelo contrário, acusam os católicos de confundirem os temas teológicos, cristológicos, eclesiológicos e mariológicos e que desse facto nasce o perigo de cair na idolatria ...

... Os protestantes advertem, com razão, que os primeiros textos que falam de uma doutrina e de uma piedade marianas pertencem à época posterior ao Concílio de Efeso, 431, concílio que reforça o dogma cristológico, declarando Maria Mãe de Deus. Como esta época coincide com o estabelecimento imperial da Igreja e com os grandes problemas que supõe o ensino da fé cristã às multidões, os protestantes vêem no facto o pior. Pensam que o desenvolvimento do culto mariano significa uma adaptação das religiões pagãs, como o culto da Avó ...

... Os protestantes lêem ainda as lendas das relíquias em Loreto e a história das Suas aparições em Lourdes e Fátima. Ouvem rezar, maquinalmente, a Avé Maria pela rádio, durante uma emissão cheia de cor, exaltando a promessa de paz mundial pela devoção a Nossa Senhora de Fátima e ficam chocados pelas representações eufóricas e sentimentais de Maria em estampas de piedade, nas grutas ou nas igrejas. E perguntam-se sobre a possível relação entre estas manifestações e a fé em Jesus Cristo, sobre que relação essencial existe entre os dogmas da Imaculada Conceição ou o da Assunção e os credos ecuménicos ...

... Quando estas reflexões os invadem, os protestantes perguntam-se se a nova atmosfera que se tem manifestado no diálogo das Igrejas poderá conduzir a alguma coisa. As diferenças parecem tão grandes e os elementos comuns tão poucos que parece ser necessário ainda muito tempo para que a discussão acabe num resultado positivo.» (Cf. Warren Quanbeck, *Le probleme de la mariologie*, em *Le Dialogue est ouvert*, Newchatel, Suíça, 1965).

Nesta hora de ecumenismo, poderão considerar-se exageradas estas expressões de Quanbeck? Não é demasiado forte a oposição doutrinal, afectiva e sentimental para com o culto, a devoção mariana e até o próprio fenómeno das aparições? Esta confissão provem-nos da própria Igreja. A doutrina mariana católica, a piedade e a devoção, o culto tributado a Maria com motivo das Suas aparições milagrosas e as Suas mensagens, continuam a ser uma incógnita e um mistério impenetrável para os que não comungam na fé da Igreja Católica.

Deixámos para o fim a consideração da postura de outro autor protestante que se ocupa expressamente do tema particular das aparições de Lourdes e nos oferece também uma interpretação geral do fenómeno das aparições marianas. Referimo-nos a Pierre Petit, autor de um pequeno volume, denso em

conteúdo, no qual estuda as aparições, milagres e mensagem de Lourdes e a teologia das peregrinações aos santuários, enquadrando estes sucessos e o sentido e valor que a Igreja Católica lhes dá, no panorama da tradição cristã e dos princípios teológicos fundamentais, válidos no protestantismo. (Pierre Petit, o. c.).

Petit declara com toda a precisão as suas intenções. Lourdes, afirma, interessa a diversas ciências e pode estudar-se sob diversos aspectos. A nossa preocupação primordial não será a de um cronista nem a de um historiador, nem tão pouco a de um filósofo ou de um médico, nem de um sociólogo. Veremos, à luz do Evangelho, as aparições, os milagres, a mensagem, a peregrinação. Tal é a nossa intenção.

Quere prestar um serviço ecuménico. Para isso, catolicismo e protestantismo devem ser considerados na sua totalidade. Uma reflexão sobre Lourdes presta-se a isso porque ali se manifestam com toda a clareza a devoção à Santíssima Virgem e o dogma da devoção mariana, tão querido do coração do católico, segundo o testemunho do Pe. Danielou e porque esse lugar das aparições, segundo uma frase do pastor Pierre Maury, propõe, com evidência, as relações do protestantismo com a Igreja Romana. Petit tenta expor o que nos une e o que nos separa, a fim de conseguir um conhecimento objectivo da realidade, verdadeiro procedimento ecuménico para chegar a um feliz resultado.

Na realidade, embora estude o tema particular das aparições de Lourdes, o seu pensamento vai mais longe e os seus princípios incluem o tema geral das aparições marianas. Lourdes é um caso concreto de constatação e verificação. A intenção é enfrentar esse problema geral, sobre o que existem opostas interpretações e uma valorização distinta no catolicismo e no protestantismo. Pierre Petit indica-o expressamente ao iniciar a análise das aparições: «Cometer-se-ia um erro de perspectiva, limitando a nossa atenção às aparições da Santíssima Virgem em Lourdes. Elas situam-se, com efeito, dentro de uma série de mariofanias que constituem, pela sua amplitude, uma novidade na história da Igreja universal e da própria Igreja romana».

Depois de uma relação histórica das principais aparições marianas desde o século XIX até aos nossos dias: as quatro que se deram na França, Rue du Bac (Medalha Milagrosa), 1830, La Salette, 1846, Lourdes, 1858 e Pontmain, 1871; as de Fátima, 1917; as da Bélgica: Beauring, 1932-1933 e Banneux, 1933, estuda este fenómeno através do sentido bíblico tradicional da manifestação de Deus e da condição em que deve viver o cristão neste Mundo: condição de esperança escatológica, segundo o ensinamento de São Paulo aos Romanos, 8, 19-26. «Toda a Escritura, texto não morto mas palavra viva pelo testemunho do Espírito Santo, nos manifesta a conduta de Deus para com o Seu povo. Ele deu-nos uma imagem, uma aparição, uma visão tão humilde, que os homens não O identificaram. E não nos dará outra até que esta imagem única volte na plenitude da sua glória». A condição presente do cristão é a da esperança escatológica. Porque pretende a Igreja romana fugir dela, embora em vão, sabe-o perfeitamente, com toda a sua técnica de canonizações? — pergunta Petit. O reconhecimento das visões marianas e o culto e a veneração a lugares de peregrinação são também vãs tentativas para fugir desta

condição de esperança humilde em que deve viver o cristão. Petit pretende reforçar o peso da sua argumentação com a doutrina luminosa de São João da Cruz, Doutor da Igreja, acerca das aparições e visões, acrescentando ainda a autoridade de Calvino.

A mente do autor é clara. Poder-se-á discutir se, efectivamente, o reconhecimento das aparições marianas e a vivência da teologia dessas realidades é furtar-se à esperança escatológica, como condição da vida cristã segundo São Paulo. Creemos que não existe tal contradição, pois ditos sucessos levam uma marca sobrenatural que se harmoniza perfeitamente com os planos de Deus. De qualquer modo, no pensamento de Petit, se as aparições marianas são factos reais, não podem ter o sentido e valor que a Igreja lhes confere. Nem tão pouco os milagres que Petit e todos os protestantes em geral admitem, como sucessos, em torno à gruta de Lourdes... «Como protestantes, sabemos muito bem que vivemos uma história, sabemos muito bem que estamos no caminho, sabemos muito bem que o Senhor conduz um povo que avança, não um povo que dorme. Mas que uma história normativa apareça, criada no século XIX, exposta em dogmas novos, ilustrada em Lourdes paralelamente com as definições dos Pontífices romanos, não a podemos admitir. Antes, devemos pronunciar uma palavra dura contra isto.

Assim permaneceremos na tradição da Igreja universal. Os milagres de todos os tempos conduzem-nos unicamente a um só Senhor Jesus.

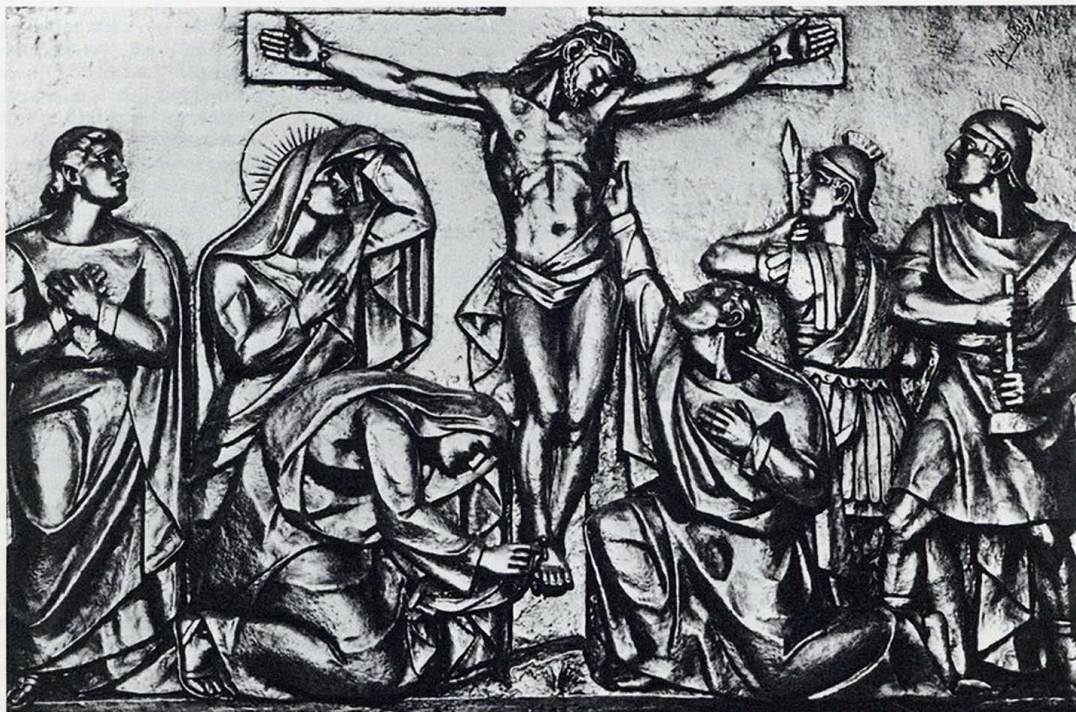
... Sim, para os irmãos separados, quaisquer que eles sejam ou quaisquer que sejam as suas particularidades confessionais, o Pai, Deus, faz milagres. Mas os protestantes não dão graças senão em nome do Senhor Jesus Cristo».

O inadmissível, por ser contrário à tradição, ao sentido bíblico, ao carácter de Jesus como Medianeiro único, é o sentido e o valor mariológico das aparições. Isso é um acrescento.

Assim se compreende que a mensagem das aparições marianas, no pensamento de Petit, mude de sentido. Em torno a Lourdes reconhece que a Igreja católica acentuou o sabor e o carácter mariano de todas as manifestações. Em Lourdes e Fátima como que se toca em Maria, o domínio da Virgem Imaculada é universal, passa-se de um mundo ao outro, de modo tangível se adverte a separação limiar do natural e do sobrenatural, etc. Como estas, transcreve outra série de frases de autores católicos, que põem de relevo essa presença de Maria, que enche de luz a rocha de Massabielle, como mensagem perene para o homem. O que pensa o protestantismo do carácter mariano desta mensagem, inerente aos santuários...? Petit responde com idêntica precisão à empregada noutras ocasiões:

«Apegados à regra da Santa Escritura, professamos que não há outro Medianeiro entre Deus e os homens: Jesus Cristo Homem, que Se entregou como preço de redenção por todos. Esta palavra é, na tradição da Igreja universal, uma plenitude. Ela é o fundamento da nossa firmeza. Nada lhe falta». Toda a mensagem nas aparições manifesta a mediação de Maria em favor dos valores, tal como os propõe a Sagrada Escritura. Crê que deve rejeitar-se a fórmula a Jesus por Maria porque pretende substituir a de São Paulo: ao Pai por Cristo. Não existe mensagem mariana mas cristológica. Unicamente Cristo é o caminho e a verdade.

(Continua na pág. 29)



Baixo relevo do altar da «Crucifixão» na Basílica de Fátima

O ROSÁRIO PELA BÍBLIA

Oliveira Figueiredo

DIVISÃO DAS VESTES

«Os soldados, depois de terem crucificado Jesus, pegaram nas Suas vestes (4) e repartiram-nas em quatro partes, uma para cada soldado, e a túnica. A túnica era sem costura, tecida por inteiro, toda ela. Disseram, então, entre si: Não a rasguemos mas sorteemo-la a ver a quem há-de pertencer, (5) cumprindo-se a Escritura (Sal. 21, 19), que diz:

«Repartiram as minhas vestes
e jogaram às sortes a minha túnica».
Os soldados assim fizeram. (João, 19, 23-24)

CRUCIFIXÃO E MORTE DE JESUS

A CRUCIFIXÃO

«E chegados a um lugar chamado Gólgota, quer dizer lugar do Crâneo, deram-Lhe a beber vinho misturado com fel (1); e tendo-o provado, não quis beber» (Mat. 27, 33-34).

«Com Ele crucificaram dois ladrões, um à direita e outro à esquerda. E cumpriu-se a Escritura que diz: «E foi contado entre os iníquos» (Is. 53, 12). (Marc. 15, 27-28) (2).

«Pilatos também escreveu um título e colocou-o sobre a cruz: estava escrito: JESUS NAZARENO. O REI DOS JUDEUS (3). Este título, pois, leram-no muitos dos judeus, porque estava perto da cidade o lugar onde foi crucificado Jesus, e estava escrito em hebraico, em latim e em grego. Diziam, portanto, a Pilatos os sumos sacerdotes dos judeus: Não escrevas «O Rei dos Judeus», mas «Ele disse: eu sou o Rei dos Judeus» — Pilatos respondeu: o que escrevi, escrito fica. (João, 19, 19-22).

AGONIA ULTRAJADA

«E os que por ali passavam ultrajavam-n'O, acenando com a cabeça e dizendo: Tu, o que destróis o Santuário e em três dias o reedificas, salva-Te a Ti mesmo, se és o Filho de Deus, e desce da cruz.

De igual modo também os sumos sacerdotes, juntamente com os escribas e os anciãos, em tom de burla, diziam: Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se; é Rei de Israel: desça agora da cruz e prometemos acreditar n'Ele. Pôs em Deus a Sua confiança: livre-O agora se é verdade que O ama, já que ele disse: «Sou Filho de Deus». (Mat. 27, 39-43) (6).

«Também se burlavam d'Ele os soldados, aproximando-se, oferecendo-Lhe vinagre e dizendo: se Tu és o Rei dos Judus, salva-Te a ti mesmo». (Luc. 23, 36-37).

O BOM LADRÃO

«Um dos malfeitores⁽⁷⁾ que estavam presos às cruzes, insultava-O, dizendo: Não és tu o Messias? Salva-Te a Ti mesmo e a nós também. Mas o outro, respondendo, repreendia-o, dizendo: Nem sequer tu temes a Deus, estando no mesmo suplício? Nós, na verdade, estamos justamente, pois recebemos a justa paga do que fizemos; mas este nenhum mal fez. E dizia a Jesus: Lembra-Te de mim quando chegares à glória da Tua realeza. — Disse-lhe: Na verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso» (Luc. 23, 39-43).

A MÃE DE JESUS

«Estavam junto da cruz de Jesus, Sua Mãe e a irmã de Sua Mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena. Jesus, vindo a Mãe, e junto d'Ela o Discípulo a quem amava, disse à Sua Mãe: Mulher, eis aí o Teu filho. — Depois disse ao Discípulo: Eis aí a tua Mãe.

E desde aquela hora a tomou o Discípulo na sua companhia» (João, 19, 25-27)⁽⁸⁾.

A MORTE DO REDENTOR

«Desde a hora sexta houve trevas sobre toda a terra até à hora nona⁽⁹⁾. Aí pela hora nona clamou Jesus com forte voz, dizendo: «Eli, Eli, lemá sabakhthani», isto é «Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?» (Sal. 21, 2)⁽¹⁰⁾.

Alguns dos que ali estavam, ao ouvi-Lo, diziam: Ele está a chamar por Elias. — E um deles foi a correr buscar uma esponja e embebendo-a em vinagre e espetando-lhe uma cana, dava-Lho a beber. Mas outros diziam: Deixa-O, vejamos se Elias vem salvá-Lo» (Mat. 27, 45-49)⁽¹¹⁾.

«Depois disto, sabendo Jesus que já todas as coisas estavam cumpridas, para que se cumprisse a Escritura «Quando tive sede deram-me a beber vinagre» (Sal. 68, 22), disse: Tenho sede. Havia ali uma vasilha de vinagre⁽¹²⁾; pegando numa esponja embebida no vinagre e cravando-a numa cana de hissopo, aproximavam-lha da boca. Depois de ter tomado o vinagre», (João, 19, 28-30). «Jesus exclamou com voz forte: Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito» (Sal. 30, 6), (Luc. 23, 46) e disse: está consumado⁽¹³⁾. E inclinando a cabeça, entregou o espírito» (João, 19-30).

EFEITOS IMEDIATOS DA MORTE

«E eis que o véu do Santuário se rasgou em dois de cima abaixo⁽¹⁴⁾, e a terra tremeu, e as rochas fenderam-se, e os túmulos abriram-se, e muitos corpos dos santos que repousavam ressuscitaram, e saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus entraram na cidade santa e apareceram a muitos⁽¹⁵⁾.

O centurião e os que com ele estavam de guarda a Jesus, vendo o tremor de terra e as coisas que aconteciam, amedrontaram-se terrivelmente, e diziam: Verdadeiramente este era Filho de Deus»⁽¹⁶⁾. (Mat. 27, 51-54)

O CORAÇÃO ALANCEADO

«Os judeus, como era Paraceve, a fim de que os corpos não ficassem na cruz durante o Sábado, pois era grande aquele dia de Sábado, pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e fossem tirados⁽¹⁷⁾.

Vieram, então, os soldados⁽¹⁸⁾ e quebraram as pernas ao

primeiro e logo ao outro que tinha sido crucificado juntamente com ele⁽¹⁹⁾. Mas a Jesus, quando O viram, como verificaram que estava morto, não Lhe quebraram as pernas⁽²⁰⁾, porém, um dos soldados com uma lança trespassou-Lhe o peito, e saiu imediatamente sangue e água⁽²¹⁾. E o que viu testemunhou-o e o seu testemunho é verídico, e ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis⁽²²⁾. Pois aconteceram estas coisas para que se cumprisse a Escritura (Ex. 12, 46; Num. 9, 12): «Não Lhe será quebrado nenhum osso». E ainda uma outra Escritura (Zac. 12, 19) diz: «Contemplarão O que trespassaram» (João, 19, 31-37).

A SEPULTURA

«Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, embora oculto por medo dos judeus, rogou a Pilatos Lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. E Pilatos permitiu-Lho. Veio, então, e tirou o Seu corpo. Também veio Nicodemos, o que pela primeira vez tinha ido ter com Ele de noite, trazendo uma mistura de mirra e aloés, aí como umas cem libras. Então pegaram no corpo de Jesus e envolveram-n'O em lençóis⁽²³⁾ junto com os perfumes⁽²⁴⁾, conforme é de uso entre os judeus sepultar.

Havia um horto no lugar onde foi crucificado e no horto um sepulcro novo («escavado na rocha, de José de Arimateia» Mat. 27, 60), no qual ainda ninguém tinha sido depositado. Ali, pois, por causa da Paraceve dos judeus, já que o monumento estava perto, depositaram Jesus» (João, 19, 38-42)

«E fazendo rodar uma grande lousa para a entrada do monumento, retiraram-se»⁽²⁵⁾. (Mat. 27, 60)

«Maria a Madalena e Maria a de José, observavam onde ficava colcado»⁽²⁶⁾. (Marc. 15-47)

MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

Vida e Morte representam os dois pontos preciosos e orientadores do Sacrifício de Cristo; desde o sorriso de Belém que deseja abrir-se a todos os filhos dos homens na Sua primeira aparição na terra, até ao suspiro final que recolhe todas as dores para santificá-las, todos os pecados para apagá-los.

E Maria está junto à cruz como estava junto do Menino de Belém.

Rezemos a esta piedosa Mãe a fim de que ela rogue por nós agora e na hora da nossa morte.

Aqui está alumiado também o grande mistério dos pecadores obstinados, dos incrédulos, daqueles que não receberam nem receberão a luz do Evangelho, que nunca tomarão consciência do sangue derramado, por eles também, pelo Filho de Deus. E a oração dilata-se numa ansia de justa reparação, num horizonte de amplidão missionária para que o Preciosíssimo Sangue, derramado por todos os homens, proporcione a todos a salvação e a conversão: o Sangue de Cristo, penhor de vida eterna.

S.S. João XXIII

COMENTÁRIO

I — CRUCIFIXÃO

«Trespasaram as minhas mãos e os meus pés, posso contar todos os meus ossos (Sal. 21, 18). Entre os dois processos de prender à cruz os condenados, escolheram para Jesus o mais doloroso: pregaram-n'O. E o que David vê no seu salmo.

Depois de despojarem Jesus das Suas roupas, o que supõe para Ele uma intensa vergonha, — «A vergonha alquebrou o meu coração e desmaiei» — (Sal. 68, 21), cravaram-n'O no lenho e suspenderam-n'O.

«Os ossos desconjuntados, o coração desfeito, a garganta seca como um testro de barro, a língua pegada ao paladar» (Sal. 21), Cristo sente uma sede horrível para matar a qual Lhe oferecem uma insignificante bebida: «Tive sede e dessedentaram-me com vinagre» (Sal. 68, 22).

Ninguém Lhe dizia uma palavra de conforto: «Esperava uma alma compassiva mas não houve ninguém, ninguém encontrei que me consolasse» (Sal. 68, 21).

Pelo contrário, riem-se d'Ele, provocavam-n'O com escárneos: «Cerca-me uma matilha de cães, rodeia-me uma caterva de facínoras. Eles perfuraram as minhas mãos e os meus pés: posso contar todos os meus ossos. Mas eles contemplam-me, contentes de me ver assim» (Sal. 21). «Eu sou um verme e não um homem, sou o opróbrio dos homens e o rebotalho da plebe. Todos os que me vêem riem-se de mim, arreganham a boca e meneiam a cabeça, dizendo: Pôs no Senhor a sua confiança, que o livre» — lb.

Tudo isso Jesus Cristo aceitou voluntariamente «pois subsistindo na forma de Deus, não considerava como um roubo ser igual a Deus e, mesmo assim, humilhou-se a Si mesmo, tomando a forma de escravo, tornado semelhante aos homens; e apresentando-se como homem na Sua condição exterior, abateu-se e tornou-se obediente até à morte, morte na cruz» (Filip. 2, 5-8).

Porque «Cristo amou-me e entregou-se a Si mesmo por mim» (Gál. 2, 20).

«E é nisto que conhecemos a caridade pela qual Ele deu a Sua vida por nós: também nós devemos dar a vida pelos irmãos» (I João, 3, 16).

II — A PRIMEIRA CONQUISTA DO CRUCIFICADO

Há quem suponha que os ladrões crucificados a um e outro lado de Cristo, eram membros de uma quadrilha de bandidos ou, mais concretamente, de revoltados contra o jugo romano e que provocavam, periodicamente, sedições. Seriam, talvez, companheiros de Barrabás que, beneficiando dum costume tradicional e confrontado com Jesus, ganhou na escolha que o povo, obcecado pelo ódio, fez diante de Pilatos. O facto de Jesus ter sido acusado de crime idêntico e por esse mesmo crime ter sido condenado pelo tribunal romano — no tribunal dos judeus foi condenado por fazer-se Deus — e os ladrões, que o seriam também para subsistir na sua vida aventureira de guerrilheiros, terem sido condenados na mesma altura, parece indicar isso mesmo. Aliás o bom ladrão, chamado Dimas pelos «Apócrifos», esclareceu o seu companheiro sobre a inocência de Jesus: «Este não fez nada de ilegal, e nós padecemos um justo castigo».

Não pede a Jesus um milagre, mas unicamente que se lembre dele quando, como Messias, chegar à glória do Seu reino.

Que as suas palavras são um acto de fé, confirma-o a aceitação, como tal, da parte de Jesus prometendo-lhe, imediatamente, que nesse mesmo dia com Ele estará no Paraíso.

Este é o primeiro que do alto da Cruz Jesus atrai a Si, como tinha profetizado, e deve ter sido uma consolação para o Salvador, verificar que o Seu Sangue preciosíssimo começava a purificar as almas.

III — JESUS ENTREGA-NOS A SUA MÃE

«Mulher, — a Mulher do Proevangelho, que trava luta victoriosa com a serpente, a Mulher das bodas de Caná que precipita a «hora de Jesus», a Mulher do Apocalipse que defende o Seu Filho — eis aí o teu filho».

É a Mãe de Jesus que vai ficar desolada, sòzinha no mundo. Jesus Cristo cumpre, pela derradeira vez o 4.º mandamento, Ele que viera cumprir toda a lei, entregando Maria aos cuidados do Seu Discípulo predilecto o qual «A tomou, desde aquele instante, ao seu cuidado».

Uma significação mística tem este passo da Paixão e é o

da maternidade espiritual da Virgem Maria, confirmada aqui dum modo solene. João representava, misticamente, todos os homens chamados a ser membros do Corpo Místico de Cristo e, portanto, filhos espirituais da Mãe da Cabeça desse Corpo, Jesus Cristo. Este tem sido o pensamento constante da Igreja desde os tempos primitivos: «Segundo a interpretação constante da Igreja, Jesus Cristo designou, na pessoa de João, a todo o género humano, e especialmente aqueles homens que a Ele haveriam de ser ligados pelos laços da fé. Neste sentido é que Sto. Anselmo de Canturbury pode dizer: «Que haverá de mais extraordinário que isto de Vós, ó Virgem, serdes Mãe daqueles que têm a Jesus Cristo por pai e irmão?» Maria Santíssima recebeu com espírito generoso este singular e trabalhos legado, começando a cumprir a Sua alta missão no Cenáculo» (Leão XIII) Cart. Enc. «Adjutricem populi», de 5/9/1895, sobre o Santo Rosário.

Pio XII, na Enc. Mystici Corporis, 1943, diz: «Foi Ela, a Imaculada, isenta de toda a mancha original ou actual, e sempre intimamente unida com Seu Filho que, como outra Eva, juntamente com o holocausto dos seus direitos maternos e do Seu materno amor, O ofereceu no Gólgota ao Eterno Pai por todos os filhos de Adão, manchados pela sua queda miserável: Je modo que a que era fisicamente Mãe da nossa divina Cabeça foi, com novo título de dor e de glória, feita espiritualmente Mãe de todos os Seus membros. Foi Ela que, com Suas efficacíssimas orações, obteve que o Espírito do Divino Redentor, dado já na Cruz, fosse depois, no dia do Pentecostes conferido com aqueles dons prodigiosos à Igreja recém-nascida. Ela, finalmente, suportando com ânimo forte e confiante imensas dores, verdadeira Rainha dos Mártires, mais que todos os fiéis, «completou o que falta à Paixão de Cristo... pelo Seu corpo que é a Igreja» (Col. 1, 21), e assistiu ao Corpo Místico de Cristo, nascido do Coração rasgado do Salvador (Cf. Off. SSmi. Crdis in hymno ad Vesp.), com o mesmo amor e solicitude materna com que amamentou e acalentou no berço o Menino Deus».

IV — O CORAÇÃO ALANCEADO

É desta passagem que parte, com fundamento bíblico e histórico, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Verificada a morte do Salvador, não houve necessidade de quebrar-Lhe os ossos, mas um soldado, que a tradição chama Longuinhos (homem da lança), tornado instrumento da Providência trespassou-Lhe o peito com uma lança cuja ponta atingiu o Coração de Jesus donde brotaram as últimas gotas do Seu Sangue, do qual as primeiras derramaram-se na Circuncisão, vertido totalmente por nós, e água, pelo fenómeno que tentamos explicar em nota na devida altura.

Do lado aberto de Cristo, na Cruz, nasceu a Igreja que foi promulgada no dia de Pentecostes: «Devendo expor brevemente o modo como Cristo fundou o Seu Corpo social, acode-nos, antes de mais nada, esta sentença de Nosso Predecessor de f.m. Leão XIII: «A Igreja que, já concebida, nascera do lado do segundo Adão, adormecido na Cruz, manifestou-se pela primeira vez a luz do mundo de modo insigne no celeberrimo dia de Pentecostes» (Enc. Divinum illud) — Enc. Mystici Corporis, Pio XII.

E todos podemos contemplar até que extremo de amor Cristo nos amou.

V — O QUE SIGNIFICA A MORTE DE CRISTO

a) Em primeiro lugar convinha que Cristo, que viera satisfazer por todo o género humano, sofresse Ele também, a pena que fora imposta a todos os homens na pessoa de Adão. Assim satisfazia totalmente, e em justiça, por nós, morrendo Ele que estava livre de pecado e era perfeito: «Cristo sofreu uma vez a morte por nossos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Morreu na carne mas tornou à vida pelo Espírito». (I Petr. 3, 18).

A nossa morte é assim vencida pela morte de Cristo.

b) Em segundo lugar a morte de Cristo demonstra-nos a verdade da Incarnação. Se tivesse subido ao céu sem morrer,

muitos homens não teriam acreditado na realidade da natureza humana que tomou, e teriam pensado que foi uma espécie de alucinação colectiva. Contudo, para provar que a Sua morte não é devida a debilidade da natureza, não morre de qualquer doença, mas pela violência exterior que Lhe foi feita e à qual voluntariamente se submeteu.

c) Em terceiro lugar Cristo, ao morrer, livra-nos do medo da morte e do demónio que é o senhor da morte: «Quebrou com a Sua morte o poder do que tem o império da morte, ou seja o diabo, e libertou aqueles que o medo da morte retinha toda a vida sujeitos à escravidão» (Hebr. 2, 14-15).

d) Em quarto lugar, Cristo, ao morrer corporalmente, com este corpo mortal que leva a semelhança do pecado, convida-nos a morrer espiritualmente ao pecado: «A Sua morte foi uma morte ao pecado, uma vez por todas, e a Sua vida é uma vida para Deus. Assim, considerai-vos como mortos ao pecado e como vivos para Deus em Jesus Cristo» (Rom. 6, 10-11).

e) Finalmente, era necessário que Cristo morresse para provar, com a Sua ressurreição, o Seu império sobre a morte e dar-nos, deste modo, a esperança da nossa própria ressurreição: «Se se prega que Cristo ressuscitou de entre os mortos, como se atrevem alguns, entre vós, a dizer que não há ressurreição dos mortos?» (1 Cor. 15, 12 (Cf. 1.º Mistério Glorioso) — A. M. Henry, O.P. in *Iniciacion Teologica*).

«É pela virtude da Cruz que o Salvador, constituído Cabeça de toda a família humana já desde o seio da Virgem, exerce plenamente o Seu munus de Cabeça da Igreja. «Pela vitória da Cruz, segundo o Doutor Angélico (Cf. S.T. III, q. 42, a. 1), mereceu o poder e domínio sobre todas as gentes», por ela enriqueceu imensamente aquele tesouro de graça que na glória do céu distribui incessantemente aos Seus membros mortais: pelo sangue derramado na Cruz fez com que, removido o obstáculo da ira divina, pudessem todos os dons celestes e em primeiro lugar as graças espirituais do Novo e Eterno Testamento correr das fontes do Salvador para salvação dos homens, sobretudo dos fiéis; enfim na árvore da Cruz adquiriu a Sua Igreja, isto é os membros do Seu Corpo Místico, pois que estes não seriam a Ele incorporados nas águas do Baptismo, se não fosse pela virtude salutífera da Cruz, onde o Senhor já adquiriu sobre eles domínio pleníssimo. Se Nosso Senhor por Sua morte foi feito Cabeça da Igreja no pleno sentido da palavra, igualmente pelo Seu Sangue foi a Igreja enriquecida daquela abundantíssima comunicação do Espírito que divinamente a ilustra desde que o Filho do Homem foi elevado e glorificado no Seu doloroso patíbulo». — *Mystici Corporis*.

VI — NÓS E A CRUZ DE CRISTO

«Os que são de Jesus Cristo também crucificaram a sua carne com as paixões e a concupiscência» (Gal. 5, 24).

Mas «alguns ainda temem ser perseguidos pela Cruz de Cristo e por isso querem salvar certas aparências. Eu, porém, jamais hei-de gloriar-me senão na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo pelo que o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo, porque nada vale a circuncisão ou a incircuncisão, o que tem valor é a nova criação (a incorporação dos homens em Cristo), e quantos seguirem esta norma que tenham paz e misericórdia sobre eles. E daqui por diante ninguém me importune pois levo no meu corpo as marcas de Jesus» (Gal. 6, 12-18).

«Com muito prazer me glorió das minhas fraquezas para que habite em mim a força de Cristo. É por isso que me alegro nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições, nas dificuldades, pelo nome de Cristo, porque quando fraquejo é que sou forte» (1 Cor. 12, 9-10).

Os nossos sacrifícios são a continuação e complemento do Sacrifício de Jesus Cristo: «Aggra gozo nos meus padecimentos sofridos por vós e cumpro, pela minha parte, o que falta das fadigas de Cristo na minha carne para o bem do Seu Corpo que é a Igreja» (Col. 1, 24).

Cristo continua no Seu Corpo Místico a imolação e sublimação do Seu próprio corpo. Mediante a união com Ele, também os corpos dos Seus membros adquirem uma consagração mais alta, mística. Adquirem, além disso, deste modo, uma isenção da morte em virtude da qual a aceitam não como uma necessidade

natural ou um castigo, mas abraçando-a — seguindo o exemplo da Cabeça — para glória de Deus, deixando que Cristo, ao qual as suas vidas já pertencem, as imole (Cf. *Via Sacra do Tempo Presente*).

Nós não sofremos sozinho pois Cristo sofre em nós do mesmo modo como sofreu na Sua própria humanidade. Diz Pas- «Cristo está em agonia até ao fim dos séculos». Está, sim, na agonia, luta, da Sua Igreja. — Ib.

ORAÇÃO

Ó Mãe de Piedade e de misericórdia que acompa- nháveis o Vosso doce Filho enquanto levava a cabo no altar da Cruz a redenção do género humano, como nossa corredentora, associada às Suas dores, conserva em nós e aumentai, cada dia. Vos pedimos, os preciosos frutos da Redenção e da Vossa Compaixão.

Fio XI

(No encerramento do Jubileu da Redenção. 28 4/935)

ORAÇÃO (II)

Ó Virgem puríssima, Mãe de Cristo, Filho de Deus, uma espada de dor trespassou a Tua santíssima alma quando viste o Teu Filho e Teu Deus cravado, voluntariamente, na Cruz. Não cesses, ó Virgem bendita, de rogar-Lhe por nós, para que nos conceda o perdão dos pecados neste tempo de penitência.

Não temos coragem de abrir a boca por causa do grande número dos nossos pecados. Obrigá o Teu Filho, ó Virgem Mãe de Deus, pois ante a clemência de Deus muito pode a prece de Sua Mãe.

Ó Puríssima, não desprezes as súplicas dos pecadores; porque Aquele que se dignou padecer por nós, também há-de querer ser misericordioso connosco e salvar-nos.

Ó Cristo, eis aqui a Tua Mãe: a que sem sentir ofendido o Seu pudor virginal Te concebeu no Seu seio, e depois do parto continuou a ser virgem imaculada.

A Ti A apresentamos para que Ela advogue por nós.

Tu que és a própria misericórdia: Tu que costumás conceder o perdão a quantos Te dizem de coração: lembra-Te, também, de mim, Senhor, no Teu reino.

Da Liturgia Bizantina (Off. in Parasceve)

(1) Uma espécie de narcótico dado aos condenados à morte. Nosso Senhor, porém, recusou o alívio.

(2) Associando a crucifixão de Jesus com a de dois malfeteiros comuns parece ter-se pretendido confundir as causas pelas quais foram todos eles condenados, burlando-se, por um lado da Sua pretensão messiânica e, por outro, tirando toda a sublimidade ao sacrificio de Cristo, ideia esta genuinamente diabólica, e corrente nos nossos dias em que se condenam à prisão ou à morte os cristãos pelo facto de o serem, mas revestindo a condenação de motivos políticos ou outros quejandos, arrancando das suas próprias inteligências, se possível, a ideia de que estão a sofrer por Jesus Cristo.

(3) Ver nota 1 e 3 do III Mistério Doloroso, pág. 93.

(4) É provável que Jesus tivesse ficado com alguma veste a tapar a nudez absoluta. Cf. Comentário (I) do 4.º Mist. Doloroso.

(5) Aos executores pertenciam as roupas do condenado. Quais seriam as peças de vestuário de Jesus que os soldados repartiram entre si? Provavelmente o manto, o cinto, as sandálias e o turbante, uma peça para cada soldado. A túnica era valiosa demais para ser rasgada em quatro bocados e, por isso, inconscientemente, sortecendo-a entre eles os soldados deram cumprimento a uma profecia. Esta túnica inconsútil tem sido sempre considerada como o símbolo da unidade da Igreja.

(6) Os criminosos eram crucificados, ordinariamente, junto aos caminhos públicos para servirem de escarmento aos que passavam. «Os que passavam moviam a cabeça», a modos de escárneo. Foi muita gente assistir à execução de Cristo e entre essa gente membros do Sinédrio para verificar se a sentença se cumpria até ao fim, até à morte d'Aquele que eles tinham condenado e não mataram por suas mãos por lhes ser legalmente vedado. Estes não se dirigem directamente ao Crucificado. Empregam palavras de escárneo que se encontram no Sal. 21.

(7) Enquanto Mateus e Marcos confundem, expressando-se na generalidade, como parece, os dois ladrões nos insultos contra Jesus, Lucas distingue o comportamento de um de outro, dando-nos uma das mais humanas páginas do seu Evangelho, todo ele repassado da grande benignidade do Salvador. Cf. comentário especial.

(8) Há quem veja aqui mais um argumento a favor da comprovada virgindade de Maria, pois se Jesus tivesse irmãos, não deixaria a Mãe senão a um deles.

(9) As trevas cobriram toda a região da cidade, ou seja Jerusalém e o seu horizonte. O Evangelista considera o facto milagroso e deve tê-lo sido pelas circunstâncias especiais de que se revestiu este «siroco negro» frequente no mês de Abril, mais intenso que nunca na altura da morte de Cristo.

(10) Um eco da agonia em Getsémani são estas palavras de Jesus.

(11) Os judeus ou entendendo mal o Eli ou fingindo não o entender, quiseram dar a perceber que Jesus, suposto «Messias», na ideia deles, chamava o Seu precursor Elias, e sacudiam, deste modo, mais uma importuna ideia que principiava a bulir com suas consciências diante do extraordinário paralelismo dos factos presentes com as profecias messiánicas que eles conheciam muito bem.

(12) Uma bebida de vinagre misturada com água, bebida dos pobres e também dos soldados romanos que a tinham ali à mão e ofereceram ao condenado, piedosamente. Não confundir esta bebida com o vinho mirrado de que se falou anteriormente. São duas bebidas diferentes.

(13) Está terminada a obra da Redenção, cumpridas todas as profecias que d'Ele tinham sido escritas, satisfeita a justiça divina.

(14) Este véu pode ter sido ou a cortina interior que separava o «Santo dos Santos» ou a grande cortina do santuário exterior. Nada de positivo se conhece.

(15) A ressurreição de que aqui se fala deve ter-se dado só depois da ressurreição de Jesus Cristo, Cf. I Cor. 15, 20-23, servindo o terramoto de que parece conservar-se ainda vestígios na rocha do Calvário, para preparar aos mortos a saída dos sepulcros.

(16) Todos estes factos acompanhantes da morte do Senhor impres-

sionaram os soldados pagãos ao ponto de os levar a uma confissão, não se sabe em que medida fruto de verdadeira fé, da divina filiação de Cristo.

(17) Os judeus tinham empenho em que os corpos fossem retirados da cruz, conforme a ordenação do Deuterónimo, 21, 22-23, antes do por do sol da Parasceve, Sexta-feira, e mais ainda porque o Sábado imediato era o da grande solenidade pascal.

(18) Diferente dos do piquete que levou a cabo a execução de Jesus.

(19) Com um martelo ou um garrote quebravam as pernas aos suplicados o que provocava imediatamente a morte por espasmo muscular.

(20) Era inútil fazer com Ele o que servia para abreviar a morte, uma vez que Jesus já estava morto. Mais uma profecia se cumpre assim, providencialmente.

(21) Guinet, médico alemão, explica este fenómeno com a agonia dolorosa de Jesus em virtude da qual se formou água nos ventrículos que depois fluiu com o sangue. Outros médicos, ingleses, pensam na ruptura do coração provocada por causas morais, juntando-se o sangue no pericárdio. Os glóbulos vermelhos depositam-se no fundo e o humor aquoso fica à superfície. Depois brotam separadamente.

(22) João, testemunha ocular do facto, garante-o com a sua palavra de honra, para que também nós acreditemos que assim foi.

(23) João refere apenas «ligaduras», o que é diferente dos lençóis e do sudário. Tenha-se esta nota em consideração para quando se explicar o facto da Ressurreição e como Pedro e João viram estas ligaduras, deixadas pelo que estivera morto, mas como se se tivesse evaporado de entre elas, deixando-as intactas e vazias.

(24) Os perfumes foram deitados no envoltório e sobre a pedra funerária, não se embalsamando, propriamente, o corpo, pois nem sequer o ungem, guardando-se essa operação para depois, porque o tempo urgia. Os perfumes eram mirra, uma resina balsâmica da Arábia, e aloés ou aloé, planta da família das liliáceas, também chamadas azebres, as quais nascem espontaneamente também em Portugal.

(25) A pedra ou lousa que fizeram rodar, era redonda, e fechava a entrada de um vestíbulo por onde se passava, através de uma estreita cavidade, para o túmulo propriamente dito, a terceira câmara, portanto. As famílias com certas posses mandavam escavar na rocha, em geral numa ladeira do terreno, os seus sepulcros familiares.

(26) As mulheres, como tinham intenção de, passando o descanso sabático, ir embalsamar Jesus, que fora sepultado muito à pressa, reparavam no sítio onde Ele ficava colocado.



SE VAI
EMIGRAR

VÁ E VOLTE
COM A

TAP

A **TAP** OFERECE CERTAS TARIFAS ESPECIAIS PARA EMIGRANTES

Consulte o serviço de assistência a emigrantes que a **TAP** organizou para si na Delegação do Porto - Praça D. Filipa de Lencastre, 3 e na Delegação de Lisboa - Praça Marquês de Pombal, 3. Deve também consultar a Junta de Emigração. Viaje pela **TAP** e terá durante a viagem a assistência de pessoal português e ao chegar, um escritório **TAP** pronto a ajudá-lo. A **TAP** transporta-o. A **TAP** recebe-o.

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES A CASA PORTUGUESA DO AR

(Continuação de pág. 23)

De forma parecida se expressa acerca da teologia das peregrinações e dos santuários marianos que oferecem também ao Mundo a sua particular mensagem: «Nós não podemos voltar atrás. Os lugares santos, as fontes santas, as montanhas sagradas foram definitivamente abandonadas desde que Jesus Cristo, tendo efectuado a redenção eterna, entrou de uma vez para sempre no Santo dos Santos (Hebr. 9, 12).

Não quisémos fazer obra polémica mas expositiva. Os princípios básicos da teologia protestante: só a Escritura, Cristo único mediador, a vigência exclusiva da mensagem evangélica regem a exposição de Pierre Petit. Nesses princípios não tem lugar a figura de Maria, tal como Se manifestou à Igreja nas Suas aparições, como Mãe e Medianeira.

Muito é ainda o que nos separa, mas é um dado de aproximação o procurar no ensino da Sagrada Escritura o centro de mútua compreensão.

NOTA DO TRADUTOR

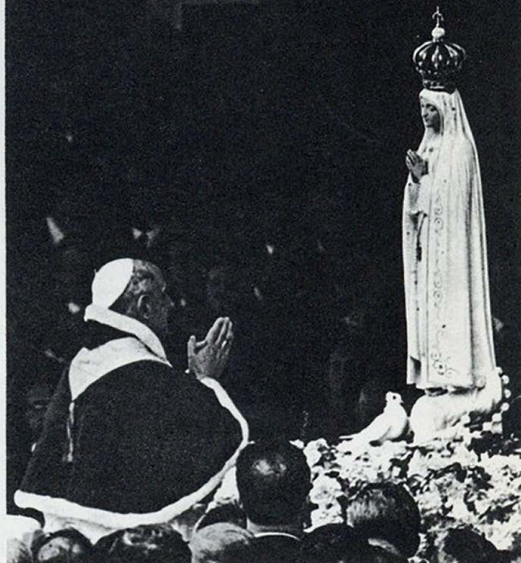
A difícil exposição que acabamos de traduzir não nos oferece uma ideia bastante clara da situação da figura de Maria no ambiente ecuménico, apesar da boa intenção do seu autor. Ficámos com uma vaga ideia de que os irmãos não separados praticamente não admitem a presença de Maria na Igreja viva, o que não corresponde à verdade, inteiramente. De facto os chamados protestantes buscam, no regresso às suas fontes específicas, encontrar aquele respeito e autêntica devoção dos seus maiores para com a Santíssima Virgem. Pudémos observar isso, por exemplo, na Comunidade Protestante de Taizé e nos estudos dos seus mestres de Teologia a que, infelizmente, o Pe. Henrique não se refere e não vemos qual a razão desse procedimento. Certo é que o autor pretende falar exclusivamente das aparições de Nossa Senhora. Mas também fala e abundantemente, das mensagens dessas aparições as quais mergulham as suas raízes no húmus mais fecundo da doutrina evangélica, da melhor doutrina teológica e conseqüentemente na mariologia.

Se o autor tivesse orientado o seu estudo pelo caminho da compreensão evangélica da mensagem das aparições (e em Fátima o paralelismo é tão evidente que provoca estupefacção) teria encontrado, entre os autores protestantes, muitas expressões de aceitação.

De qualquer modo apresenta-nos uma panorâmica real, embora negativa, de certa linha de pensamento corrente entre vários autores protestantes que, de facto, estão ainda muito longe da via da união. Isso afasta, para já, a hipótese de uma aproximação breve. Mas, felizmente, o panorama não é geral, como o advertiu o autor, dizendo que estudaria a posição particular de certos mentores do protestantismo, alguns dos quais com pretensões leais de ecumenismo.

Os nossos leitores menos esclarecidos nestes assuntos podem tranquilizar-se: a posição dos protestantes, de muitíssimos protestantes sinceros, perante a realidade da Maternidade Divina de Maria e da Sua maternidade espiritual para connosco, é de aceitação. E a sua atitude, em geral, sobretudo nos nossos dias, é de respeito e devoção para com a Santíssima Virgem.

PAULO VI EM FÁTIMA



Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima! edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FATIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima.

Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FATIMA-50", Fátima - Portugal

Now, ON SALE... The English edition of this beautiful book, telling all about the Pilgrimage of Paul VI to Fatima.

You can order it at "FATIMA-50"
Fatima - Portugal

Preço - Precio - Price : Esc. 150

RESÚMENES

LA PASIÓN DE CRISTO Y EL MENSAJE DE FÁTIMA

El «mensaje» de Fátima es una invitación más a «cumplir lo que falta a la Pasión de Cristo para edificación de su Cuerpo Místico que es la Iglesia». La Virgen no vino a pedir nada extraño a esta voluntad salvífica de Dios, realizada en el Calvario y continuada en todo mundo y en nuestros días, en los hombres de nuestro tiempo. Nuestra Señora vino a pedir que «no se ofendiese más a Nuestro Señor que ya está muy ofendido» y aún «que se rezara e hiciese penitencia para conseguir la conversión de los pecadores y la paz del mundo». La conversión de los pecadores significa una realización de la Pasión de Cristo, una aplicación de los frutos de su muerte y resurrección en el alma que se regenera por el sacramento del perdón. La paz que se consigue por la oración y por la penitencia es, en último análisis, la paz del alma con Dios, portando una regeneración. La Pasión se nos muestra en Fátima como es, señal de salvación, de reconciliación de las almas con Dios. Y la Virgen María, Corredentora, presente en el Calvario junto a la cruz de su Hijo, está presente en Fátima, junto a la cruz de sus hijos para ayudarlos, para aliviarlos del peso de esa cruz, conduciéndolos, maternalmente, a Cristo. Fátima nos da Cristo; llevanos a Cristo. En este aspecto está el paralelo que puede establecerse entre la Pasión de Jesucristo y el «Mensaje» de su Madre en esta tierra de perdón y de misericordia.

PARA UNA DEFINICIÓN DE LA PAZ SEGUN EL MENSAJE DE FÁTIMA

No es exagerado repetir que el «mensaje» de Fátima es un mensaje de paz. Si es un mensaje de paz debe de contener en sí los elementos capaces de definirla para su perfecto entendimiento. Se buscan en el «mensaje» de Fátima los términos que nos permitan considerarla como «mensaje de paz» y, consecuentemente, a definir la paz a partir de esos elementos. Los principios aceptados para elaborar esta definición no pueden ser otros que los principios escritos en el Evangelio, pues se afirma ser el «Mensaje de Fátima» un resumen del Evangelio, y explicados, después, por el Magisterio de la Iglesia y por la Autoridad de la misma Iglesia que los va aplicando a las necesidades y características de los tiempos, sin abdicar, jamás, de la autenticidad de su doctrina.

Esto es lo que el Autor de este artículo y de otros que se le van seguir, procura en los documentos de los más recientes Pontífices Romanos, Pio XII, Juan XXIII y Pablo VI. Comienza por estudiar una definición de la paz en los documentos de Pio XII, en paralelo con el Mensaje de Fátima. Los elementos constitutivos de la paz señalados y verificados en el Mensaje de Fátima son: la penitencia y la oración. Recogiendo y transcribiendo, de los documentos de Pio XII, los pasos apropiados, el Autor llega a la conclusión de que

el Pontífice de la Paz que fué el Papa Pacelli, definió la Paz como una práctica de la justicia entre todos los hombres, en un progreso igual para todos los hombres y, aún, en un recorrer a la oración por ser la Paz un don de Dios. Los documentos citados son los siguientes: Radiomensaje de Navidad, 24/12/1953; Radiomensaje de 1/9/1944; Alocución al personal del Ministerio Italiano de Defensa, 18/5/1952; Alocución a los representantes de la Gran Bretaña junto a la Santa Sede, 23/6/1951; Alocución a los jóvenes de Acción Católica Italiana, 12/9/1948. Los lectores que puedan consultar estos documentos podrán verificar la perfecta línea de razonamiento del Autor que, en resumen, intenta dar una definición de la Paz en estos términos: «La Paz es una actitud de espíritu que se refleja, en el exterior, a través de la justicia en las relaciones sociales y en el progresivo bienestar de todos los pueblos, sin predominio de unos sobre otros, como consecuencia del cumplimiento de los deberes del propio estado (penitencia), y de un auxilio, en el interior, de Dios que se consigue por la oración».

A PROPOSITO DE LAS PROMESAS DE NUESTRA SEÑORA EN FÁTIMA RESPUESTA A UNA OBJECCIÓN

Nuestro distinguido colaborador, C. Barthas, después de nos haber abierto una ventana de esperanza a lo largo de tres artículos, publicados en los números anteriores, sobre las promesas que Nuestra Señora hizo en Fátima, contesta ahora a la objeción de alguien que quiere ver en el cumplimiento de las mismas no el cumplimiento de las promesas en sí mas un acontecer natural de los sucesos del mundo. El Autor afirma que es difícil y humanamente imposible constatar la acción de Dios en todos los acontecimientos de la historia humana, pero en el caso de las promesas de Nuestra Señora es fácil comprobar esa acción de Dios. Si acontece precisamente aquello que ha sido prometido con anterioridad, hay que atribuirlo a quien hizo la promesa. Los casos podrían haberse dado sin la intervención especial de Dios, pero se da el caso de que los sucesos son consecuencia de las promesas. Y aunque estas hayan sido condicionales: «se hicieren lo que yo pido», Nuestra Señora, misericordiosa, tiene en cuenta lo poco que se hizo para obedecerla y recompensa a sus hijos por este pequeño esfuerzo, para estimularlos a un más perfecto cumplimiento de su mensaje de amor y misericordia.

LAS APARICIONES MARIANAS EN EL AMBIENTE ECUMÉNICO

El Autor de este artículo, continuación del publicado en el pasado número de nuestra revista, nos presenta un cuadro sombrío sobre lo que los protestantes piensan de las apariciones y piedad mariana en general. Citando el pensamiento de algunos autores representativos del protestantismo, llega a la conclusión de que todavía mucho hay que nos separa los unos de los otros: católicos y protestantes. Pero que las premisas para un diálogo fructuoso han sido puestas. El diálogo solamente puede entablarse a partir del conocimiento claro de las posiciones de los

dialogantes. Y la posición de los protestantes es, en general, de incredulidad o, a lo menos, de desconfianza ante la devoción mariana de los católicos, tan fortalecida con las apariciones de la Virgen y sus mensajes en cada aparición.

Una nota del traductor de estos artículos busca esclarecer algunos puntos dudosos del Autor y recuerda como la posición de otros protestantes calificados es totalmente diversa de la de los autores citados en el artículo, lo que nos lleva a una esperanza más firme de un acuerdo breve sobre Nuestra Señora, entre protestantes y católicos. Eso mismo pudo observarse en Fátima, por ejemplo, durante el último Congreso Mariano Internacional, en el cual se han visto protestantes y católicos, lado a lado, estudiar la problemática de las apariciones marianas y aún al observarse la actitud religiosa de respeto y piedad de ciertos pastores protestantes asistiendo a todos los actos de culto celebrados en honor de la Virgen María.

FÁTIMA Y EL «AUXILIO A LA IGLESIA PERSEGUIDA»

Nuestra revista ha publicado ya en su n.º 6, págs. 19-24, un largo reportaje sobre el asunto cuando de la peregrinación mundial de la Iglesia del Silencio a Fátima. El Autor de este artículo resume el libro del Padre Werenfried van Straaten «On m'appelle le Père au lard» — Me llaman el Padre del tocino —, en el cual se nos cuenta la historia de este movimiento en favor de todos los miembros de la Iglesia Católica dislocados por causa de la guerra o sufriendo persecución para allá del telón de acero. La situación de esos nuestros hermanos es estremecedora y exige nuestro auxilio material en todo género de artículos indispensables a las necesidades primarias de la vida y, sobretudo, nuestro auxilio espiritual por medio de la oración y de la caridad de sentimientos. La obra del P. Werenfried se inspira en el Mensaje de Fátima en lo que él nos promete y nos pide para la consecución de la paz. Sobre la fuerza inspiradora que Fátima representa para el mundo, cita estas palabras del Secretario General de la UCIDI italiana, Dr. Vittorio Vaccari: «Es convicción mía de que Portugal, principalmente los católicos portugueses tienen, en nuestro tiempo, una misión providencial. Fátima es un punto de referencia e irradiación consolador para quienes, como nosotros, somos obligados a luchar en la brecha social, adonde el desgaste es más fuerte y más ardiente el combate».

FÁTIMA Y HUNGRÍA

El Cardenal Mindszenti ha sido guía y maestro en la interpretación y práctica del Mensaje de Fátima en Hungría. En 1945, en su primera alocución como Cardenal, dijo: «Seamos un pueblo que reza. Deposito mi confianza en el Rosario y en la cruzada de oraciones de millones de personas.» Su programa mariano se ha tornado el origen del movimiento de reparación, penitencia y oración, según el Mensaje de Fátima. En febrero de 1946, afirmó en una carta pastoral: «Una justa reparación debe hacerse sobretudo adonde se propaga el pecado y se manifiesta el castigo de la cólera de Dios. Invitamos a todos a que tomen parte en el gran

movimiento de reparación de Hungría. Ya no basta la fuerza humana; colocamos nuestra esperanza en los Corazones de Jesús y María. De ellos pedimos y esperamos nuestra salvación. Entre los medios de una comunidad de reparación, se cuentan principalmente la Santa Misa los primeros sábados de cada mes, según el espíritu de Fátima, el Rosario y la Comunión. Nuestro destino depende en mucho del número de aquellos que hacen reparación y penitencia. Después del masacre y persecución a la Iglesia, en Hungría, algunos refugiados, sobretodo el P. Elías Kardos tuvieron la idea de continuar esta obra, criando y construyendo el «Calvario Húngaro» en Fátima. Ofrecemos, en este número, algunas fotos de este «Calvario» que mereció el honor de ilustrar nuestro artículo de fondo: LA PASION DE CRISTO Y EL MENSAJE DE FATIMA. En el Convento Franciscano de Guessing, en la Burgundia, se ha fundado, en 1961, la «Cruzada Húngara de Reparación» para el cumplimiento del Mensaje de Fátima. Más tarde esta cruzada se ha propagado entre los húngaros de todo mundo, con la ayuda de la «Cruzada del Rosario y Reparación» iniciada en Viena.

Han sido igualmente los húngaros quienes, en 1956 han erigido una capilla con una estatua de mármol de Nuestra Señora, en los Valinhos. Algun tiempo más tarde, en uno de los nichos de la Basílica de Fátima, há sido colocada una gran imagen de San Estévan, rei de Hungría. Han ofrecido también un precioso cáliz a la misma Basílica.

FILATELIA

I EXPOSICIÓN FILATÉLICA MARIANA INTERNACIONAL

INVITACIÓN

LA EXPOSICIÓN FILATÉLICA MARIANA INTERNACIONAL que vá a realizarse en Fátima (Portugal) del 12 al 26 de mayo de 1968 tiene por únicos objetivos divulgar el culto de MARIA SANTÍSIMA en todo mundo a través de la filatelia y contribuir a que cada sello cristiano sea, verdaderamente, un mensaje de paz entre los pueblos de la tierra que sufren el hambre y la guerra.

No será una exposición de competición. Todo hombre, de cualquier nación o raza, está invitado a presentar en esta exposición un tema representado en sellos de correo, un estudio o documento sobre filatelia mariana, y recibirá como premio una medalla, un diploma y las publicaciones que sean editadas sobre el acontecimiento.

Se pretende que estén representadas en este certamen las naciones que hayan emitido sellos de tema mariano, y que no falte ningún coleccionador especializado en este tema existente en cualquier punto del globo.

Por tratarse de una exposición destinada al público no especializado, serán admitidas fotografías y otros documentos curiosos que esclarezcan el asunto presentado.

Leno y devuelve con brevedad el boletín de inscripción, y pida otras informaciones en el núcleo «SAN GABRIEL» existente en su país.

Si es filatelista cristiano, sea también peregrino de Fátima durante las conmemoraciones del 50.º aniversario de las apariciones.

RÉSUMÉS

LA PASSION DU CHRIST ET LE MESSAGE DE FATIMA

Le Message de Fatima est aussi une invitation à «accomplir ce qui manque à la Passion du Christ pour l'édification de Son Corps Mystique qui est l'Eglise». Notre-Dame n'est rien venue demander en dehors de cette volonté salvifique de Dieu réalisée au Calvaire et continuée dans le monde entier et de nos jours, dans les hommes de notre temps. Notre-Dame est venue demander «qu'on n'offense pas davantage Notre-Seigneur qui est déjà trop offensé» et encore «qu'on prie et qu'on fasse pénitence pour obtenir la conversion des pécheurs et la paix du monde». La conversion des pécheurs rend effective la Passion du Christ, elle est une application des fruits de Sa Mort et de Sa Résurrection dans l'âme qui se régénère par le sacrement du pardon. La paix qu'on obtient par la prière et la pénitence est, en dernière analyse, la paix de l'âme avec Dieu, donc une régénération. La Passion se montre à nous, à Fatima, ce qu'Elle est: signe de salut, de réconciliation des âmes avec Dieu; Et la Vierge Marie, Co-Rédemptrice, présent au Calvaire au pied de la Croix de Son Fils, est présent à Fatima, près de la croix de Ses fils pour les aider, les soulager du poids de cette croix, en les conduisant maternellement au Christ. Fatima nous donne le Christ; nous porte au Christ. C'est sous cet aspect qu'on peut établir le parallèle entre la Passion de Jésus et le «Message de Sa Mère sur cette terre de pardon et de miséricorde».

POUR UNE DEFINITION DE LA PAIX SUIVANT LE MESSAGE DE FATIMA

Il n'est pas exagéré de répéter que le «message» de Fatima est un message de paix. S'il est un message de paix, il doit avoir en lui les éléments capables de le définir pour être exactement compris. On cherche, dans le «message» de Fatima les termes qui nous autorisent à le considérer comme «message de paix» et, comme conséquence, à définir la paix à partir de ces éléments. Les principes admis pour élaborer cette définition ne peuvent être autres que les principes admis pour élaborer cette définition ne peuvent être autres que les principes tirés de l'Evangile, puisque l'on affirme que le «message de Fatima» est un résumé de l'Evangile, et expliqués, ensuite, par le Magistère de l'Eglise et par l'Autorité de cette même Eglise qui va les appliquer suivant les nécessités et les caractéristiques des temps, sans jamais rien abandonner de l'authenticité de sa doctrine.

C'est ce que l'Auteur de cet article et des autres qui vont suivre, cherche dans les documents des derniers Pontifes Romains, Pie XII, Jean XXIII et Paul VI. Il commence à étudier une définition de la Paix d'après les documents de Pie XII, en parallèle avec le Message de Fatima. Les éléments constitutifs de la Paix mentionnés et vérifiés dans le Message de Fatima sont: la pénitence

et la prière. Après avoir compilé des documents de Pie XII, transcrivant les passages appropriés, l'Auteur en arrive à la conclusion que le Pontife de la Paix que fut Pie XII, a défini la Paix comme étant une pratique de la justice entre tous les hommes, dans le progrès, égal pour tous et, encore, dans le recours à la prière car la Paix est un don de Dieu. Les documents cités sont les suivants: Radio-Message de Noël du 24 décembre 1953, Radio-message du 1er septembre 1944, allocution au personnel du Ministère Italien de la Défense Nationale, 18 mai 1952; allocution aux représentants de la Grand Bretagne près du Saint-Siège, 23 Juin 1951; allocution aux jeunes de l'Action Catholique Italienne, 12 septembre 1948. Les lecteurs qui peuvent consulter ces documents, vérifieront la ligne parfaite de raisonnement de l'auteur qui, en résumé, cherche à définir la Paix en ces termes: La Paix est une attitude d'esprit qui se reflète, à l'extérieur, à travers la justice dans les relations sociales et dans le bien-être progressif de tous les peuples, sans prédominance des uns sur les autres, comme conséquence de l'accomplissement des devoirs propres (pénitence), et, à l'intérieur, par un secours spécial de Dieu qui s'obtient par la prière».

A PROPOS DES PROMESSES DE NOTRE-DAME DE FATIMA

RÉPONSE A UNE OBJECTION

Après nous avoir ouvert une fenêtre d'espérance tout au long des trois articles publiés dans les numéros précédents, sur les promesses faites par Notre-Dame à Fatima, notre distingué collaborateur le Chanoine Barthas répond maintenant à l'objection de quelqu'un qui prétend voir dans l'accomplissement de ces promesses non pas leur accomplissement en elles-mêmes mais une succession naturelle des événements du monde. L'Auteur dit que, s'il est difficile et humainement impossible de constater l'action de Dieu dans tous les événements de l'histoire humaine, dans le cas des promesses de Notre-Dame il est facile de vérifier cette action de Dieu. S'il arrive exactement ce qui a été promis antérieurement, on doit l'attribuer à qui a fait la promesse. Les faits auraient pu avoir lieu sans une intervention spéciale de Dieu mais il arrive que les faits ont succédé consécutivement aux promesses. Et quoique ces promesses aient été conditionnées «si on fait ce que je demande», Notre-Dame, miséricordieuse, tient compte du peu qui s'est déjà fait pour lui obéir et récompense Ses fils de ce petit effort, comme pour les inciter à un plus parfait accomplissement de Son message d'amour et de miséricorde.

LES APPARITIONS MARIALES DANS L'AMBIANCE EUCUMÉNIQUE

L'Auteur de cet article, suite de celui publié dans le dernier numéro de notre revue, nous trace un cadre un peu sombre sur ce que les protestants pensent des apparitions et de la piété mariale en général. Citant la pensée de certains auteurs représentant le protestantisme, il arrive à la conclusion que beaucoup nous sépare encore les

uns des autres: catholiques et protestants. Toutefois les premiers jalons en vue d'un dialogue fructueux ont été posés. Le dialogue peut avoir lieu à la seule condition de bien connaître les positions des parties dialogantes. La position protestante est l'incrédulité ou tout au moins la méfiance en face de la dévotion mariale des catholiques, si forte pour les apparitions de Notre-Dame et pour les messages de chacune de ces apparitions.

Une note du traducteur de ces articles tente d'éclairer certains points douteux de l'Auteur. Il rappelle que la position d'autres protestants qualifiés est totalement différente de celle des protestants cités dans cet article, ce qui nous porte à espérer plus fermement qu'un accord est proche au sujet de Notre-Dame entre protestants et catholiques. Ceci a pu s'observer à Fatima, par exemple, durant le dernier Congrès Marial International, où l'on a vu protestants et catholiques étudier, côte à côte le problème des apparitions mariales. On a pu remarquer également l'attitude religieuse, empreinte de respect et de piété de certains pasteurs protestants assistant à toutes les cérémonies religieuses célébrées en l'honneur de la Vierge Marie.

FATIMA ET L'AIDE A L'EGLISE PERSECUTÉE

Notre revue a déjà publié dans son n.º 6, pages 19-24, un reportage détaillé sur ce sujet, lors du pèlerinage mondial de l'Eglise du Silence à Fatima. L'Auteur de cet article résume le livre du P. Van Werenfried «On m'appelle le Père au lard»/—, où l'on nous raconte l'histoire de ce mouvement en faveur de tous les membres de l'Eglise Catholique délogés à cause de la guerre ou souffrant la persécution au delà du rideau de fer. La situation de nos frères est navrante et exige notre aide matériel, en articles de tout genre, indispensables aux nécessités premières de la vie et, surtout, notre aide spirituel par la prière et la charité de nos sentiments. L'Oeuvre du P. Werenfried s'inspire de ce que le Message de Fatima nous promet et nous demande pour obtenir la paix. Au sujet de la force inspiratrice que Fatima représente dans le Monde, il cite ces paroles du Secrétaire Général de l'UCIDT italienne, Dr. Vittorio Vaccari: «C'est ma conviction que le Portugal, surtout les catholiques portugais, ont, dans notre temps, une mission providentielle. Fatima est un point de repère et d'irradiation, consolateur pour ceux qui, comme nous, sont obligés de combattre dans la tranchée sociale où l'usure est plus forte et le combat plus ardent».

FATIMA ET LA HONGRIE

Le Cardinal Mindszenti a été guide et maître dans l'interprétation et la pratique du Message de Fatima en Hongrie. En 1945, au cours de sa première allocution comme cardinal, il a dit: «Soyons un peuple qui prie. Je place ma confiance dans le chapelet et dans la croisade de prières de millions de personnes». Son programme marial est devenu l'origine du mouvement de réparation, de pénitence et de prière, demandé par le Message de Fatima. En Février 1946, il a affirmé dans une lettre pastorale: «Une juste réparation

doit être faite principalement là où se propage le péché et où se montre le châtiement de la colère de Dieu. Nous vous invitons tous à prendre part au grand mouvement de réparation de la Hongrie. La force humaine n'y arrive plus; nous mettons notre espérance dans les Coeurs de Jésus et de Marie. C'est à eux que nous demandons et c'est d'eux que nous espérons notre salut. Parmi les moyens de réparation commune, on compte principalement la Saint Messe les premiers Samedis de chaque mois, suivant l'esprit de Fatima, le Chapelet et la Communion. Notre destinée dépend beaucoup du nombre de ceux qui font réparation et pénitence».

Après le massacre et la persécution de l'Eglise, en Hongrie, quelques réfugiés, surtout le P. Elias Kardos ont eu l'idée de continuer ce mouvement, lançant l'idée et la réalisant, de construire le «Calvaire Hongrois» à Fatima. Dans ce numéro nous vous montrons quelques photographies de ce «Calvaire» qui a mérité l'honneur d'illustrer notre article de fonds: LA PASSION DU CHRIST ET LE MESSAGE DE FATIMA. Au couvent franciscain de Guessing, en Bulgaire, s'est fondée en 1961, la «Croisade Hongroise de Réparation» qui a pour but d'accomplir le Message de Fatima. Plus tard cette croisade s'est répandue parmi les hongrois du Monde entier, avec l'aide de la «Croisade du Chapelet et de la Réparation» commencée à Vienne.

Ce furent aussi les hongrois qui, en 1956, élevèrent une chapelle avec une statue en marbre de Notre-Dame, aux Valinhos. Quelque temps après, on plaça, dans une des niches de la Basilique de Fatima, une grande statue de Saint Etienne, roi de Hongrie. Un précieux calice fut également offert à cette Basilique.

PHILATELIE

EXPOSITION MARIALE ET INTERNATIONALE DE TIMBRES

INVITATION

L'Exposition Mariale et Internationale de timbres qui doit avoir lieu à Fatima (Portugal) du 12 au 26 Mai 1968, a pour unique objet de répandre le culte de Marie Tres Sainte dans le Monde entier par la philatélie et de contribuer à ce que chaque timbre chrétien soit vraiment un message de paix parmi les peuples de la Terre qui souffrent la faim et la guerre.

Ce ne sera pas une exposition de compétition. Tout homme, quelque soit sa nationalité ou sa race est invité à présenter dans cette exposition un thème figuré en timbres poste, une étude ou un document sur la philatélie mariale, et recevra comme prix une médaille, un diplôme et les publications qui seront éditées sur l'évènement.

On désire que soient représentées dans ce concours les nations qui ont émis des timbres de thème mariale, et que ne manque aucun collectionneur spécialisé sur ce sujet, qui existe quelque part dans le monde.

Comme il s'agit d'une exposition destinée au public non spécialisé, on acceptera toutes photographies et autres documents curieux qui peuvent illustrer le sujet présenté.

Remplissez et retournez vite le bulletin d'inscription, et demandez d'autres informations au groupe «SAINT GABRIEL» existant dans votre Pays.

Si vous êtes philatéliste chrétien, soyez aussi Pèlerin de Fatima durant les commémorations du 50.º anniversaire des apparitions.

SUMMARY

THE PASSION OF CHRIST AND THE MESSAGE OF FATIMA

The Message of Fatima is another invitation to fill up what is wanting to the Passion of Christ for His Mystical Body which is the Church». Our Lady did not come to ask anything foreign to this salvific will of God as realized on Calvary and continued in the entire world, in the men of our time: Our Lady came to ask «not to offend Our Lord any more, for He is already so much offended», and further «to pray and do penance to obtain the conversion of sinners and the peace of the world». The conversion of sinners signifies a realization of the Passion of Christ, an application of the fruits of His Death and Resurrection to the soul which is regenerated by the Sacrament of pardon. The peace which is obtained by prayer and penance is, in a last analysis, the peace of the soul with God, consequently a regeneration. The Passion is shown to us in Fatima, as it is: a sign of salvation, a reconciliation of souls with God. The Virgin Mary, Co-redemptor, present on Calvary at the foot of Her Son's Cross, is present in Fatima at the cross of Her children, to help them, to lighten the weight of the cross, and to lead them with maternal care to Christ. Fatima gives us Christ, it leads us to Christ. From this aspect can be seen the parallel which exists between the Passion of Jesus and the «Message» of His Mother in land of pardon and mercy.

TOWARDS A DEFINITION OF PEACE ACCORDING TO THE MESSAGE OF FATIMA

It is no exaggeration to repeat that the «message» of Fatima is a message of peace. If it is a message of peace, it must contain in itself the elements needed to define it so as to be exactly understood. In the «message» of Fatima are sought the terms which authorize us to consider it as a «message of peace» and, consequently, to define peace from these elements. The principles accepted to elaborate this definition cannot be other than those set down in the afterwards explained by the Magisterium of the Church and the Authority of the same Church who apply to the necessities and characteristics of the times, without ever abdicating from the authenticity of its doctrine.

This is what the author of this article and others which follow, seeks in the documents of the most recent Roman Pontiffs: Pius XII, John XXIII and Paul VI. He begins by studying a definition of Peace in the documents

of Pius XII, on a parallel with the Message of Fatima. The constitutive elements of Peace noted and verified in Message of Fatima are: penitence and prayer. In a collection of documents of Pius XII, the Author, quoting appropriate passages, arrives at the conclusion that Pius XII, the Pope of Peace, defined Peace as a practice of justice among all men, in a progress the same for all men, and further, in a recourse to prayer because Peace is a gift of God. The documents cited are the following: Christmas Radio-message of December 24th, 1953; Radio-message of September 1st, 1944; Address to the members of the Italian Ministry of National Defence on May, 1952; Address to British Representatives to the Holy See on June 23rd, 1951; Address to the youth of Italian Catholic Action on September 12th, 1948. Readers who can consult these documents will verify the perfect line of reasoning of the Author who, in summing up, attempts a definition of Peace in these terms: «Peace is an attitude of the spirit which is reflected, exteriorly, by way of justice in social relations and in the progressive well-being of all peoples, without predominance of one over the other, as a consequence of the fulfilment of one's duties (penitence), and interiorly by special help from God which is obtained by prayer.»

CONCERNING THE PROMISES OF OUR LADY IN FATIMA

REPLY TO AN OBJECTION

Our distinguished collaborator, Canon Barthas, having opened a window of hope through his three articles about the promises which Our Lady made in Fatima, published in past numbers, now replies to the objection of one who claims to see in the fulfilment of the same, not the fulfilment of the promises in themselves but a natural succession of world events. The Author says that if it is difficult and humanly impossible to confirm the action of God in all the events of human history, in the case of Our Lady's promises it is relatively easy to do so. The events could have happened without a special intervention of God, but it happens that the events took place as a natural consequence of the promises. And although these have been conditional: «if you do what I ask», Our Lady, in Her mercy, takes into account the little that has been done to obey Her, and rewards Her children for this little effort as if to stimulate them to a more perfect fulfilment of Her message of love and mercy.

MARIAN APPARITIONS IN THE ECUMENICAL SPHERE

The Author of this article, a continuation of that published in the past number of our review, presents a somewhat dark picture about what the Protestants think of Apparitions and Marian piety in general. Quoting the thought of some authors, who are representatives of Protestantism, he arrives at the conclusion that there is much that separates us, Catholics and Protestants, from one another, but the propositions for a fruitful dialogue have been established. Dialogue can only be established when, the two parties

know both positions well. The Protestant position is one of unbelief, or at least diffidence, towards the Marian devotion of Catholics that is so much strengthened by the apparitions of Our Lady and Her messages in each apparition.

A note by the translator of these articles attempts to clarify some doubtful points of the Author, recalling how the attitude of other competent Protestants differs totally from those Protestant authors quoted in the article, which leads us to cherish a stronger hope for agreement about Our Lady very soon, between Catholics and Protestants. This could be observed in Fatima, for example, during the last International Marian Congress, when Protestants and Catholics studied side by side the problems of Marian apparitions, and still further when Protestant pastors attended all the religious ceremonies in honour of the Virgin Mary in a most devout manner, full of respect and piety.

FATIMA AND «RELIEF WORK FOR THE PERSECUTED CHURCH»

Our review has already published in its No. 6, p. 19-24, an extensive report about this matter, during the world pilgrimage of the Church of Silence to Fatima. The Author of this article sums up the book by Fr. Van Werenfried «On m'appelle le Père au lard» (They call me the bacon Priest) — in which he relates the story of this movement for all the members of the Catholic Church who are homeless or suffering persecution behind the Iron Curtain. The condition of these our brothers is heart-rending and needs our material aid, in every kind of goods indispensable to the primary necessities of life, and above all, our spiritual help by way of prayer and charity of sentiments. The Work of Fr. Werenfried receives inspiration in the Message of Fatima in all that it promises us and asks us for the obtaining of Peace. About the inspiring force which Fatima represents in the World, these words of the Secretary General of UCIDT in Italy, Dr. Vittorio Vaccari, are quoted: «It is my conviction that Portugal, especially Portuguese Catholics, have in our days a mission truly providential. Fatima is a point of reference and radiation, most consoling for those of us who are obliged to combat on the social front, where the wear and tear is strongest and the fight is hottest.»

FATIMA AND HUNGARY

Cardinal Mindszenty was the guide and master of the interpretation and practice of the Message of Fatima in Hungary. In 1945, in his first allocution as Cardinal, he said: «Let us be a people who pray. I place my confidence in the Rosary and in the crusade of prayer of millions of people.» His Marian programme became the origin of a movement of reparation, of penitence and prayer, according to the Message of Fatima. In February 1946, he affirmed in a pastoral letter: «A just reparation ought to be made where sin abounds and where the punishment of God's anger is evident. We invite all to take part in this great movement of reparation in Hungary. Human strength has now fallen short, we place our hope in the

Hearts of Jesus and Mary. From them we ask and expect our salvation. Among the means for a community of reparation, there are chiefly the following: Holy Mass on the First Saturdays of each month, according to the spirit of Fatima, the Rosary and Communion. Our destiny depends very much on the number of those who do penance and make reparation.»

After the massacre and persecution of the Church in Hungary, some refugees, notably Fr. Elias Kardos, had the idea of continuing this work, by building a «Hungarian Calvary» in Fatima. We present, in this number, some photographs of this «Calvary» which merits the honour of illustrating our article entitled: THE PASSION OF CHRIST AND THE MESSAGE OF FATIMA.

In the Franciscan convent of Guessing in Burgundy, in 1961, the «Hungarian Crusade of Reparation» for the fulfilment of the Message of Fatima, was founded. Later this Crusade spread among Hungarians the whole world over, with the help of the «Crusade of the Rosary and Reparation» begun in Vienna.

It was also the Hungarians who, in 1956, erected a Chapel with a marble statue of Our Lady, in Valinhos. Some time later, a large statue of St. Stephen, King of Hungary, was placed in one of the niches of the Basilica at Fatima, and a precious chalice was given to the same Basilica.

PHILATELY

THE INTERNATIONAL MARIAN PHILATELIC EXPOSITION

INVITATION

The International Marian Philatelic Exposition, which takes place in Fátima, Portugal, from May 12th to 26th, 1968, has for its only objectives: the diffusion of the cult of HOLY MARY the throughout the whole world by means of Philately, and the contribution that each religious stamp bear a message of peace among the peoples of the earth who suffer from hunger and the effects of war.

It will not be a competitive exhibition. Everyone of whatever nation or race is invited to present for this exposition any theme about Marian Philately whether represented in postage stamps, or a study or a document on the subject. They will be duly rewarded with a medal, a diploma and the publications which are edited about this event.

It is aimed to have all the nations represented, those who have issued stamps of a Marian character, and it is hoped that no specialized collector of this theme in whatever part of the world may be absent.

As the Exposition is destined for the whole public, whether specializing in philately or not, photographs and other interesting documents which clarify the subject presented will be accepted.

Please fill up the enrollment form and return it as soon as possible. Information may be obtained at the centre «St. GABRIEL» in your country.

If you are a Catholic philatelist, be a FATIMA PILGRIM also during these celebrations of the Fiftieth Anniversary of the Apparitions.

FÁTIMANO MUNDO



O grande apóstolo da devoção a N.ª Sr.ª de Fátima em Porto Rico, Rev. Pe. Gilberto M. Romney. — Ao lado esquerdo, uma típica procissão com a imagem da Virgem. — Ao lado direito, o primeiro Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Porto Rico.

PORTO RICO

A notícia vem-nos, cheia de candura e fervor, da bela Ilha das Caraíbas. Foi em 1949 que um jovem sacerdote ergueu o primeiro santuário em honra de Nossa Senhora de Fátima, na pequena aldeia de Vega Alta, a 32 quilómetros de São João de Porto Rico. Para a inauguração, juntaram-se muitos milhares de pessoas que fizeram o percurso, de muitos quilómetros, a pé, tendo de vadear um rio. Outros foram em mais de 600 automóveis e 40 autocarros. Graças ao fervor apostólico deste sacerdote, grande devoto de Nossa Senhora de Fátima, a imagem da Virgem Peregrina percorreu toda a ilha entre 1949 e 1952.

Não há uma só igreja em Porto Rico que não tenha exposta, à veneração dos fiéis, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Mais tarde fundou-se uma grande paróquia que foi dedicada a Nossa Senhora de Fátima. Dirigem a paróquia os Padres espanhóis de Nossa Senhora das Mercês. Também em honra de Nossa Senhora, se fundou em Porto Rico uma Associação Insular cuja missão é propagar a devoção do Rosário e o conhecimento da Mensagem de Fátima. Em cada estação da visita da Virgem Peregrina, Porto Rico foi consagrado ao Imaculado Coração de Maria.

Notícia e fotos enviadas pelo Revdo. Pe. Gilberto M. Romney.



